

EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE

ESTUDO-PILOTO NO ESTADO DA BAHIA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Projeto de Educação Básica para o Nordeste
Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Paulo Renato Souza

SECRETÁRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL
Iara Glória Areias Prado

PROJETO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA O NORDESTE
DIRETOR GERAL
Antônio Emílio Sendim Marques

COORDENAÇÃO DE PROJETOS ESPECIAIS
Maristela M. Rodrigues

Série Estudos

A SÉRIE ESTUDOS apresenta ensaios e pesquisas realizadas no âmbito do Projeto de Educação Básica para o Nordeste. As principais informações levantadas visaram ao desenvolvimento de políticas para a melhoria da qualidade da educação no Nordeste brasileiro. As conclusões e interpretações expressas nesta publicação demonstram as opiniões dos autores e não exprimem, necessariamente, a posição e as políticas do Ministério da Educação e do Desporto, do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, do Banco Mundial e do Unicef.

Esta obra foi editada e publicada para atender a objetivos do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, em conformidade com os Acordos de Empréstimo Números 3604BR e 3663 BR com o Banco Mundial.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização do
Projeto de Educação Básica para o Nordeste — MEC/BIRD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Projeto de Educação Básica para o Nordeste

EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE

Estudo-Piloto no Estado da Bahia

Adélia Luíza Portela — BAHIA

Eni Santana Barretto Bastos — BAHIA

BRASÍLIA, 1997

©1997 Projeto Nordeste
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte
e obtida autorização do Projeto Nordeste — MEC/BIRD.

Série Estudos, Nº 1

Portela, Adélia Luíza

Educação, escola e comunidade: estudo-piloto
no estado da Bahia / Adélia Luíza

Portela, Eni Santana Barretto Bastos. —
Brasília: Ministério da Educação e do
Desporto. Projeto de Educação Básica para o
Nordeste, 1997.

91 p. — (Série Estudos; n.1)

1. Educação — Brasil — Bahia 2. Relações Es-
cola — comunidade I. Título II. Bastos, Eni San-
tana Barretto III. Ministério da Educação e do
Desporto IV. Projeto de Educação Básica para o
Nordeste

CDD 371.207

Projeto Nordeste
Via N1 Leste, Pavilhão das Metas
Brasília-DF — 70150-900
Fone: 316-2908 — Fax: 316-2910
E-mail: projetonordeste@projetonordeste.org.br

Projeto Gráfico
Texto Final
Francisco Villela
Capa
Alexandre Dunguel Pereira

IMPRESSO NO BRASIL

P R E F Á C I O

Com a publicação do presente estudo, o Projeto de Educação Básica para o Nordeste do Ministério da Educação e do Desporto lança a Série Estudos, voltada para divulgação de trabalhos relevantes sobre temas atuais para a formulação e implementação de políticas educacionais.

No início de 1996, sob a coordenação do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, Banco Mundial e Unicef, foi criado o Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais (PPO). Esse Programa tem como objetivo principal a melhoria da qualidade da educação pelo fortalecimento da parceria entre pesquisa e ação. Nesse sentido, foi criado um grupo Consultivo — do qual fazem parte secretários de Educação dos estados e municípios, reitores de universidades, representantes de associações nacionais de profissionais e dirigentes da educação, e pesquisadores da área. O processo de trabalho está baseado na troca permanente de informações e recomendações entre esses participantes.

Foi nesse contexto que o presente estudo foi concebido. O Grupo Consultivo, com a incumbência de aprofundar a discussão sobre a causa do fracasso escolar no Nordeste e apresentar propostas de linhas de ações a serem implementadas, recomendou a elaboração deste trabalho, que explora questões fundamentais sobre educação do ponto de vista dos usuários do sistema de ensino.

Na oportunidade da publicação deste estudo, o Projeto Nordeste/MEC, em nome do Banco Mundial e Unicef, registra seus agradecimentos às autoras e à equipe de pesquisa, ao Centro de Pesquisa para Educação e Cultura (CENPEC) e ao Grupo Consultivo.

Antônio Emílio Sendim Marques
Diretor Geral do Projeto Nordeste

SUMÁRIO

	RESUMO.....8
	ABSTRACT.....9
	APRESENTAÇÃO.....10
1	INTRODUÇÃO.....11
2	METODOLOGIA.....15
2.1	AS ESCOLAS PESQUISADAS.....17
2.2	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....20
3	A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS.....23
3.1	QUANTO AO VALOR DA ESCOLA.....23
3.2	QUANTO À QUALIDADE DA ESCOLA.....28
3.3	QUANTO A BARREIRAS À ESCOLARIZAÇÃO.....33
3.4	RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA.....36
3.5	O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NA ÓTICA DE SEUS PROFISSIONAIS.....40
4	PRINCIPAIS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES.....41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....46
	ANEXOS
	LISTA DE TABELAS.....48
	INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA ENTREVISTADORES.....71

RESUMO

Este trabalho relata os principais resultados de uma investigação sobre a percepção a respeito da educação escolar que apresentam usuários (adultos e crianças/jovens da comunidade) e equipe escolar de seis escolas públicas situadas em dois municípios do estado da Bahia — Salvador e Itabuna. Tanto os adultos quanto as crianças/jovens vivem em condição de pobreza, têm alta expectativa em relação ao processo de escolarização como meio de ascensão social e atribuem grande valor à educação escolar, sendo que os adultos apresentam uma visão mais idealizada do que as crianças/jovens. Tanto os adultos, quanto as crianças/jovens se autculpabilizam pelo fracasso escolar. Os adultos quando criticam a escola, quase não se referem a aspectos intra-escolares, o que parece estar relacionado com o conhecimento limitado do funcionamento da escola, decorrente, por sua vez, tanto do baixo nível de escolaridade que apresentam, quanto das formas superficiais de relação escola-família proporcionadas pela escola. A equipe escolar reconhece que a escola não vem desempenhando bem seu papel e já não responsabiliza tanto os alunos e suas famílias pelo fracasso escolar. Contudo, continuam exigindo das famílias um tipo de colaboração no acompanhamento dos filhos que ultrapassa as suas possibilidades. No entanto, pelo menos no plano do discurso, percebe-se, entre as professoras, uma visão mais avançada do papel desempenhado pela escola no fracasso escolar, do que no passado, o que pode estar relacionado com os cursos de capacitação que todas afirmaram ter realizado. Em função desses resultados são feitas algumas recomendações tanto sobre a realização de novos estudos, quanto de implementação de propostas de ação.

A B S T R A C T

This report presents the principal results produced by a study of the perceptions of schooling held by school users (adults and children/youths) and staff members of six public schools situated in two municipalities of the State of Bahia — Salvador and Itabuna. The adults and children/youths live in conditions of extreme poverty, have high expectations as to the school serving as means for social advancement, and attribute great value to school learning, with the viewpoint of the adults being more idealistic in this last respect than that of the children/youths. Both adults and children/youths blame themselves for school failure. The adults, when they criticize the school, make almost no mention of intra-school factors, and this appears to be related to their limited knowledge concerning school operation, a consequence, in turn, of their own low level of schooling and of the superficiality of the school-family relationship. The school staff recognizes that the school does not adequately fulfill its role and does not blame the students and their families for school failure, but it continues to demand from the parents collaboration in the form of student accompaniment which exceeds parental possibilities. However, at least on the discourse level, the staff members offer a more advanced understanding of the role of the school in fostering student failure than that recorded in earlier studies. This understanding may be the result of the in-service training programs that all claimed to have completed. In view of these findings, the report concludes with recommendations pertaining to the undertaking of additional research and the implementation of proposals for action.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, intitulado **Educação, Escola e Comunidade**: Estudo-piloto no Estado da Bahia, está organizado em quatro partes. A primeira, Introdução, situa o estudo, seus objetivos e sua justificativa, enfocando, brevemente, alguns dados estatísticos sobre a situação educacional no Brasil e discussões teóricas que fundamentam a razão de ser e o sentido do trabalho. A segunda parte descreve a metodologia, explicitando-se os critérios utilizados para escolha dos locais de realização da pesquisa e dos sujeitos entrevistados e os procedimentos usados para coleta, sistematização e análise dos dados. Além disso, faz uma breve caracterização das escolas em que ocorreu a pesquisa, bem como dos diversos grupos que compõem a população estudada. A terceira parte apresenta as respostas às entrevistas realizadas organizadas em torno de cinco temas: o valor atribuído à escola, a qualidade da escola, as barreiras existentes ao processo de escolarização, a relação escola-família e o funcionamento da escola na ótica de seus profissionais. A quarta parte apresenta algumas considerações e recomendações, enfatizando aqueles aspectos e/ou questões que foram se evidenciando mais fortemente na análise dos dados.

1 INTRODUÇÃO

Em pesquisa publicada em 1993, Sérgio Costa Ribeiro mostra que a situação da repetência no Brasil é ainda mais grave do que apresentam as estatísticas oficiais. E isso é devido, principalmente, ao uso de procedimentos, nos sistemas escolares, que escamoteiam e distorcem os dados reais. Dois desses procedimentos são “a repetência branca” e a subseriação, ou seja, o “repetente aprovado.” A “repetência branca” se refere à prática de se considerarem como evadidos aqueles alunos que, de fato, foram reprovados, mas não oficialmente, porque deixaram de freqüentar a escola quase no final do ano letivo para evitar a reprovação. E o “repetente aprovado” é aquele que foi promovido de uma subsérie para outra, da 1ª série A para a 1ª série B, por exemplo, e que figura como aprovado mas, de fato, é repetente da 1ª série. Esse autor se pergunta “*como um sistema tão seletivo como o brasileiro (com tanta repetência) pode produzir estudantes de tão baixo desempenho?*” Ele faz essa pergunta baseado nos resultados de um estudo que avaliou a proficiência em matemática e ciências de alunos de vinte países, o Brasil entre eles. O que ficou demonstrado nesse estudo é, entre outras coisas, que 50% dos alunos de escolas públicas com idade de 13 anos ainda não haviam ingressado na 5ª série, devido “às fantásticas taxas de repetência de nossos sistemas de ensino” e que “nossos alunos obtiveram em média um desempenho muito baixo em relação aos demais países da pesquisa” (p. 68).

Ainda que as estatísticas oficiais revelem que nos últimos anos, no Brasil, vai ocorrendo uma progressiva universalização do ensino básico (dados do IBGE indicam que em 1989, cerca de 85% das crianças entre sete e nove anos estavam na escola), esses mesmos dados vão mostrar que o problema da permanência na escola é grave. Para cada 1 mil crianças que se matriculam na 1ª série, apenas 250 concluem o ensino fundamental.

Na Bahia essa situação é ainda mais crítica, pois os dados do IBGE indicam que 32,10% da população de 11 a 14 anos é de analfabetos, sendo 35,30 o percentual referente a alunos maiores de 15 anos. Também dados do UNICEF/CBIA mostram altos índices de reprovação no estado da Bahia. Esses dados vão incidir fortemente nas séries iniciais do ensino fundamental. Em Salvador, a taxa da sobrevivência da matrícula na passagem da 1ª para a 2ª série é de 71,5%, caindo na média do estado para 44,2%, incluídas aí as zonas urbana e rural.

Esses dados, quando vistos de uma determinada perspectiva, provocam algumas indagações fundamentais. Como a população usuária da escola pública percebe o fracasso escolar de seus filhos? Será verdadeira a afirmativa feita em alguns trabalhos de que a população de baixa renda não se esforça para manter os seus filhos na escola? Se a real evasão escolar é bem menor do que as estatísticas oficiais apontam, como demonstra o estudo de Sérgio Ribeiro, qual é de fato a posição ocupada pela famílias pobres no quadro do fracasso escolar? Existe ou não um esforço do aluno e da sua família para ter acesso à escolarização? Qual o valor que as classes populares dão à escola? Que lugar a escola ocupa de fato

na vida das camadas populares? Quais as percepções que pais, alunos e professores têm dessas questões?

Apesar da existência de estudos nessa direção, há ainda muitas perguntas a serem feitas e a serem respondidas. Na verdade, parece que existem, proporcionalmente, muito mais estudos que mostram a perspectiva dos pesquisadores ou mesmo das equipes escolares sobre o assunto do que dos usuários da escola.

Alguns trabalhos sobre os movimentos sociais por educação vêm mostrando a luta realizada por grupos organizados da população para ampliação das oportunidades educacionais públicas, tanto em expansão das redes de ensino quanto em melhoria da sua qualidade. Exemplos desses trabalhos são os de Malta Campos (1991, 1992), Spósito (1983, 1989), Magalhães *et alii* (1990), Campos (1994), todos eles relatando as diversas formas de tentativas das classes populares de terem garantida a escolarização de seus filhos.

Esses relatos, estudos e depoimentos, contudo, não têm sido incorporados pela escola oficial, ficando à margem, e as necessidades educacionais não atendidas da população vêm provocando a existência de sistemas paralelos de ensino — as chamadas escolas comunitárias, ligadas a associações de moradores, a sindicatos e a comunidades de base da Igreja Católica — que operam precariamente por falta de recursos materiais e humanos.

O que se depreende dos estudos disponíveis sobre a relação da população com a escola é que há um enorme hiato entre as práticas realizadas dentro da escola e as características culturais da população que a freqüenta. Grignon (1992) mostra que nada na formação inicial dos professores, por exemplo, “*ensina-lhes a decifrar um comportamento infantil de forma adequada em função do que se sabe hoje sobre a cultura da rua, os valores dos grupos de colegas etc...*” (p.52). Na mesma direção caminham Cornbleth (1992), Forquin (1993) e Giroux e McLaren (1994), quando discutem, entre outras coisas, as relações entre escola e cultura, entre a seleção implicada na construção dos currículos e o processo de desigualdade social, sobre os projetos educacionais em função do pertencimento cultural e social de seus destinatários e sobre as diferentes formas, não consideradas pela escola, de participação da população na vida social, cultural, econômica e política das comunidades.

Essas questões tiveram lugar prioritário no encontro técnico promovido pelo International Bureau of Education (IBE-UNESCO) e pelo UNICEF, realizado no período de 15 a 18 de fevereiro de 1996, em Genebra, Suíça. A temática escolhida foi a da repetência escolar e sua alta incidência entre os pobres. O que mais chama atenção é que os especialistas ali reunidos chegaram à conclusão de que “*o fenômeno da repetência escolar é um dos mais complexos e menos compreendidos do nosso sistema escolar*” (p.1). Esse fenômeno, portanto, que já se constitui, no Brasil, em lugar comum, vem sendo discutido por especialistas do mundo inteiro que tentam dar novo enfoque às análises. Algumas constatações que emergiram desse encontro merecem destaque especial.

As estatísticas oficiais mostram a existência, em 1980, de 17 milhões de casos de repetência escolar no nível primário em 69 países da América Latina, África e Ásia (não foram aí incluídas a China e a Índia). Em 1990, os casos de repetência escolar, com referência a 84 países da África, Estados Árabes, Ásia, América Latina e Caribe somaram 35,6 milhões. O Brasil aparece como o segundo país, depois da China, a apresentar o maior número de casos — aproximadamente cinco milhões. Apesar de os comentários feitos a esses dados

ressaltarem a dificuldade de comparar países tão diferentes, eles enfatizam que, de qualquer modo, a situação da repetência escolar vem se agravando muito. Mostram também que, se houve crescimento nas matrículas escolares, esse crescimento não foi acompanhado de melhorias na eficiência interna dos diferentes sistemas escolares. Uma importante conclusão a que se chega diante desses dados é que “ *muitos dos sistemas nacionais de educação operam de tal forma que, para uma porcentagem significativa de crianças admitidas na escola, a experiência mais chocante que elas sofrem não é a de não aprenderem, mas é a da frustração da repetência escolar*” (p. 5).

Vários fatores analisados no encontro indicam que os dados estatísticos existentes subestimam as dimensões reais do problema da repetência escolar . Em muitos casos isso acontece por ausência de dados; em outros, devido aos métodos estatísticos usados. Números estudos feitos na América Latina, por exemplo, revelam que há notável diferença entre os dados apontados pelas estatísticas oficiais e outros obtidos em estudos de casos ou pela aplicação de outros modelos estatísticos . No Brasil, estudos indicam que as reais taxas de repetência são duas vezes maiores do que aquelas consideradas pelas estatísticas oficiais dos anos 80, em especial as relativas ao primeiro nível escolar, informação que vai ser reforçada pelo estudo, já citado, de Sérgio Ribeiro.

O documento do IBE questiona: quem é o responsável pelo fracasso escolar? Segundo esse mesmo documento, estudos que analisam as percepções sociais sobre os fatores que produzem o fracasso escolar tendem a refletir diferentes visões. Enquanto professores, diretores de escola e autoridades municipais tendem a relacionar dificuldades de aprendizagem e baixo desempenho acadêmico a fatores externos ao sistema educacional (baixos salários da população usuária da escola, condições precárias de vida) e a alguns fatores internos como as limitações materiais do sistema e baixos salários dos professores, raramente focalizando a questão da qualidade do ensino, os pais, por outro lado, dão maior importância à pobreza do material escolar e à baixa relevância dos conteúdos escolares para suas vidas cotidianas. Os usuários da escola, em muitos casos, também atribuem a falta de sucesso escolar a si próprios. O documento discute que “ *a baixa expectativa para os estudantes oriundos de famílias pobres está presente nos dois lados, tanto por parte dos que demandam quanto por parte dos que fornecem educação, cada um deles servindo para reforçar o outro*” (p.5). A partir desses e de outros elementos, o documento apresenta como uma de suas conclusões a necessidade de melhor conhecimento das percepções sociais a respeito dos resultados educacionais, das atitudes em relação ao desempenho acadêmico e das reações das famílias cujos filhos têm fracassado na escola. Tal conhecimento, segundo os especialistas reunidos no referido encontro, “ *pode contribuir para melhor compreensão do problema e pode fornecer algumas pistas úteis para a definição de estratégias apropriadas*” (p.5).

As discussões finais do documento enfocam três grandes conjuntos de formas de intervenção que poderiam garantir educação básica para todos :

- 1) Obter melhor idéia da dimensão quantitativa do problema e de suas características qualitativas. Estratégias adequadas devem ser baseadas em diagnósticos confiáveis.
- 2) Encorajar novas formas de enfrentar a repetência. E, para isso, devem ser realizados projetos experimentais para o ensino da leitura e da escrita, estudos de novas metodologias de avaliação da aprendizagem, produção de novas estratégias curriculares adap-

tadas às diversidades culturais, mudanças no calendário escolar e também nos conteúdos estabelecidos, para vencer as discriminações de gênero.

3) Realizar esforços sistemáticos de forma a encorajar educadores, tanto professores quanto as famílias, a terem maior consciência da gravidade do problema. Mudar atitudes sociais, de forma a assegurar que a culpa não seja posta sobre a vítima, poderia ser parte importante das estratégias para resolver o fracasso escolar.

É no âmbito dessas preocupações que se situa o presente estudo, o *Beneficiary Assessment*, que tem como objetivo examinar as expectativas e percepções que as camadas populares têm da escola e a utilização que é feita por essas camadas dos serviços prestados pela escola pública de ensino fundamental de forma a poder subsidiar, a partir de elementos concretos, políticas públicas de educação. O estudo se insere no projeto *Understanding Why Schools Fail Children in the Northeast of Brasil*, de responsabilidade do Setor de Estudos em Educação Fundamental do Banco Mundial, e faz parte de um conjunto de várias pesquisas que têm por finalidade a melhoria da qualidade da educação fundamental na América Latina e no Caribe.

Com este estudo pretende-se conhecer : qual o valor atribuído à educação escolar pelos usuários da escola pública (pais, lideranças da comunidade, crianças/jovens); qual o nível de participação dos pais no processo de escolarização de seus filhos; o que eles pensam a respeito da qualidade da escola freqüentada por seus filhos; que características da escola afetam seus sentimentos a respeito e se refletem na conseqüente decisão de enviar, ou não, e de manter, ou não, seus filhos na escola.

Para compreender melhor o ponto de vista dessa população, e considerando que a percepção de qualquer um dos segmentos que constituem a comunidade escolar só pode ser entendido em sua relação com os demais segmentos, é que se buscou também conhecer a visão que a equipe escolar (diretores e professores) apresenta a respeito do valor atribuído à educação pelos usuários da escola.

O trabalho que se apresenta a seguir constitui-se em uma primeira parte do *Beneficiary Assessment*, realizado com o propósito de levantar algumas suposições iniciais a serem examinadas com maior profundidade em estudos posteriores. A pesquisa, que teve, assim, intenção exploratória, foi realizada em dois estados do Nordeste do Brasil — Bahia e Ceará, e recebeu o título de **Educação, Escola e Comunidade**. É o estudo realizado na Bahia que passa a ser relatado.

2 METODOLOGIA

Para a realização do trabalho foram escolhidos dois municípios do estado da Bahia, Salvador e Itabuna, em que há uma grande concentração de população pobre. No primeiro, isso ocorre por aí se localizar a capital do estado, para onde se dirigem pessoas de todas as partes do estado em busca de melhores oportunidades de estudo e de emprego. No segundo, Itabuna, por se situar na região cacaueteira, uma das regiões anteriormente mais ricas da Bahia, local tanto de passagem quanto de recebimento de migrantes de todo o esta-

do e de estados vizinhos e que, hoje, em função da crise sócio-econômica pela qual passa a monocultura do cacau, abriga verdadeiros “bolsões de pobreza”.

Entendendo que é a população pobre a mais atingida pelo problema do fracasso escolar, buscou-se, nesses dois municípios, estudar escolas localizadas em bairros reconhecidamente habitados por populações de baixa renda. Assim é que os critérios utilizados, tanto para a escolha dos dois municípios quanto para a localização da escola, foram o da existência de grandes concentrações de população de baixa renda e o da provável pobreza dos usuários da escola. Para tanto recorreu-se à ajuda das Secretarias de Educação, tanto a estadual quanto as municipais, solicitando que fossem indicadas escolas situadas em locais com essas características.

Em Salvador foram escolhidas duas escolas estaduais de tamanho médio (segundo a classificação da Secretaria, com, em média, 1 500 alunos) e uma municipal de pequeno porte (com, em média, 400 alunos) como o são, em geral, as escolas municipais em Salvador. Das duas estaduais, uma foi considerada pela SEC como de bom desempenho acadêmico (média de aprovação em 1994 em torno de 80%) e outra, como de baixo desempenho acadêmico (média de reprovação em 1994 em torno de 20%) A escola municipal foi considerada pela SEC municipal como de bom desempenho acadêmico, mas não possuía dados atualizados sobre os índices de rendimento escolar. Duas dessas escolas situam-se na periferia urbana de Salvador e outra, na zona urbana propriamente dita.

Em Itabuna foram escolhidas duas escolas municipais de pequeno porte, uma na zona urbana e outra na zona rural, e uma escola estadual, também de pequeno porte, localizada na periferia urbana da cidade. A estadual, segundo a DIREC local, foi considerada como escola de desempenho típico de escola pública (não havia dados disponíveis sobre os índices de aprovação em 1994), e as duas municipais foram consideradas pela SEC municipal como escolas com bom desempenho pedagógico e acadêmico, pois segundo o secretário de Educação, após o projeto implantado pela SEC — *Zerando a Repetência* — todas as escolas municipais vêm realizando um bom trabalho.

Os sujeitos entrevistados foram, assim, escolhidos tendo como referência essas escolas e as comunidades que as cercam. A amostra deste estudo foi, portanto, intencional e se constituiu dos seguintes sujeitos, distribuídos igualmente nos dois municípios:

ADULTOS DA COMUNIDADE

Pais e Mães — 8 (oito) em Salvador e 8(oito) em Itabuna

Lideranças — 4(quatro) em Salvador e 4 (quatro) em Itabuna

CRIANÇAS E JOVENS

Que estão na escola — 5(cinco) em Salvador e 5(cinco) em Itabuna

Que abandonaram os estudos — 5(cinco) em Salvador e 5(cinco) em Itabuna

PROFISSIONAIS DA ESCOLA

Professores — 6(seis) em Salvador e 6(seis) em Itabuna

Diretores — 3(três) em Salvador e 3(três) em Itabuna

Há, portanto, um total de 62 entrevistados nos dois municípios, 31 em cada, conforme pode ser melhor visualizado na tabela 1.

Além desses sujeitos, foram também entrevistados os secretários de Educação do estado e dos dois municípios, com o objetivo de levantar informações sobre projetos e políticas públicas de educação no âmbito estadual e no municipal.

A definição a respeito do número total de entrevistados e de sua distribuição pelos diferentes segmentos, bem como a elaboração do instrumento de coleta de dados — roteiros de entrevista — foi de responsabilidade do CENPEC, com base em pesquisas anteriormente desenvolvidas.

O CENPEC foi responsável, também, juntamente com a coordenadora do trabalho na Bahia, pelo treinamento da equipe de quatro entrevistadores, constituída de profissionais com reconhecida experiência em pesquisa.

As entrevistas, semi-estruturadas, foram constituídas de duas partes : uma parte com questões sobre o sujeito entrevistado, dados pessoais, de vida social e familiar, de modo a caracterizar os segmentos pesquisados; outra parte com questões mais abertas, girando em torno dos temas: valor atribuído à educação escolar, qualidade da escola e barreiras à escolarização, com o objetivo de levantar depoimentos, percepções e sentidos dados pelos entrevistados a esses temas abordados. Além disso, solicitou-se às diretoras entrevistadas que fornecessem dados gerais sobre as escolas a partir de um pequeno questionário.

As entrevistas foram realizadas em clima aberto e descontraído, de forma a se poder captar as impressões e concepções dos entrevistados sem nenhum tipo de constrangimento. Para tanto, durante as entrevistas foram feitas apenas algumas anotações essenciais, e, após sua realização, relatórios escritos pormenorizados, a partir de roteiros e de orientações fornecidas pelo CENPEC.

O material coletado foi organizado e sistematizado tomando-se como unidade de análise os municípios e os segmentos estudados. Devido ao pequeno tamanho da amostra, um total de 62 entrevistados, os dados foram organizados em tabelas com o número absoluto de respondentes e de respostas, fugindo-se do uso de percentuais para evitar distorções indevidas dos dados. A sistematização e análise dos dados foi feita com base em estudos anteriormente realizados pelo CENPEC e também em literatura disponível sobre análise do discurso, considerando-se que o objetivo da pesquisa é captar a “polissemia de vozes”, as vozes dos pais, das lideranças, dos alunos e dos profissionais da escola e os diferentes sentidos dados por esses segmentos à educação escolar. Por essa razão, o levantamento das opiniões dos entrevistados foi exaustivo e orientado pela preocupação de apreender, o mais fielmente possível, o sentido das respostas às questões propostas.

Conforme se ressaltou, esta pesquisa teve uma intenção exploratória, de levantamento de suposições e hipóteses a serem aprofundadas em estudos posteriores. Dessa forma, os resultados aqui apontados terão que ser usados com cautela, considerando-se tanto sua abrangência limitada quanto o tamanho reduzido da sua amostra. Neste caso, os resultados devem ser tomados apenas em termos de tendências, que certamente podem se constituir em pontos-chave a serem melhor explorados e compreendidos.

2.1 AS ESCOLAS PESQUISADAS

Em Salvador:

Escola Estadual Heitor Villa-Lobos

Esta escola iniciou suas atividades em 1988. Localiza-se na periferia urbana de Salvador, em um conjunto habitacional de classe média baixa, distante do centro da cidade. É uma escola de porte médio, com 1 456 alunos, sendo 47 em classes pré-escolares, 956 em classes da 1ª à 4ª série e 453 na suplência de 1º grau, estes no turno noturno. Atende a essa clientela uma equipe de 57 profissionais (1 diretora, 36 professores, 3 coordenadores/supervisores e 17 funcionários de apoio administrativo).

A clientela da escola não é, em grande parte (em torno de 90%), a do conjunto habitacional onde se localiza, mas das invasões próximas.

É uma escola de aparência limpa e organizada, funciona nos três turnos e tem o ensino estruturado por séries. Possui boas instalações físicas, com 16 salas de aula, sala de professores, salas da direção, vice-direção e secretaria, biblioteca, pátio, área coberta, quadra de esportes, 6 banheiros e a cantina onde é preparada e distribuída a merenda.

Para apoio ao trabalho pedagógico, a escola dispõe de aparelhos de som, de TV e de vídeo, mimeógrafo, além de materiais didáticos diversos, como livros, mapas, atlas e globo. Há recomendação, mas não exigência, do uniforme para a frequência às aulas.

A diretora é residente na comunidade, tem pouco tempo no cargo, mas trabalha na escola desde sua inauguração, o que lhe dá conhecimento do trabalho e das pessoas envolvidas, importante para o desempenho da função.

Escola Estadual Presidente Emílio Garrastazu Médici

Esta escola, pertencente à rede estadual, funciona nos três turnos, ministrando educação pré-escolar e de 1º grau completo (1ª à 8ª série). Localiza-se na área urbana, em um bairro planejado (conjunto residencial construído para funcionários da Petrobrás), cujas casas originais foram quase todas reformadas. Apenas parte da clientela da escola (menos de um terço, segundo a diretora) é residente no bairro STIEP. A maioria reside em bairros populares vizinhos ou em algumas invasões surgidas em torno do STIEP.

Além das 16 salas de aula, a escola dispõe de sala da direção, sala da vice-direção, sala do SOE, sala de professores, secretaria, pátio, área coberta, copa-cozinha, quadra de esportes e 10 banheiros (6 para alunos e 4 para professores e funcionários). As salas de aula localizadas no primeiro e segundo pisos são amplas, claras e arejadas. As demais salas, inclusive as utilizadas pelo pessoal técnico-administrativo, todas localizadas no térreo, são pouco iluminadas e arejadas. Apenas 2 banheiros dos alunos estão em funcionamento, os bebedouros estão quase todos quebrados, as paredes estão sujas. Portanto, a escola necessita de reforma e limpeza.

O corpo discente é composto de 1 489 alunos (22 da pré-escola, 620 da 1ª à 4ª série e 847 da 5ª à 8ª série). O ensino é organizado por séries. Para atender a essa clientela, a escola dispõe de 101 pessoas, sendo 76 professores, 1 supervisor, 6 coordenadores de área, 14

funcionários de apoio administrativo, 1 diretor e 3 vice-diretores. Dispõe também de alguns auxiliares administrativos que não pertencem ao quadro da escola e são remunerados pelo estado por “serviços prestados”.

De equipamentos para apoio ao trabalho dos professores, a escola só possui um mimeógrafo e um computador. De material didático, um globo, poucos mapas, um atlas e alguns livros.

A diretora está na escola e no cargo há menos de dois anos e não reside na comunidade. No entanto, parece muito empenhada em organizar os serviços e as condições de atendimento e em recuperar a imagem da escola na comunidade.

Escola Municipal Manoel Clemente Ferreira

Esta escola, inaugurada há 17 anos, está localizada na periferia urbana de Salvador, bem distante do centro da cidade, mas de acesso fácil. É uma escola pequena, com 5 salas de aula, copa-cozinha, 3 sanitários, 1 sala para a direção, coordenação e secretaria, pátio e área coberta. Possui boas instalações físicas (as salas são amplas, ventiladas e claras) e é mantida limpa e organizada. Situada entre um sítio e a sede de um clube de futebol, da escola se tem uma paisagem verde, com muitas árvores e campos gramados, o que lhe proporciona um ambiente físico agradável.

A escola funciona nos três turnos, ministrando o ensino fundamental a 232 alunos da 1ª à 4ª série, 32 alunos em uma classe pré-escolar e 92 jovens e adultos (no turno noturno), num total de 356 alunos. Na 1ª e 2ª séries do 1º grau o ensino é organizado em ciclo; na 3ª e 4ª, a organização é por série; no supletivo (jovens e adultos), em ciclos: alfabetização, PEB1- 1ª e 2ª séries, PEB2- 3ª e 4ª séries.

O quadro de pessoal é constituído de 27 pessoas — 1 diretora, 2 coordenadoras / supervisoras, 14 professoras e 10 funcionários de apoio (portaria, vigilância, merenda e limpeza).

A maioria dos alunos reside no próprio bairro ou nas invasões em torno. Outros moram longe e dependem de transporte para chegar à escola. A merenda é servida com regularidade e o uniforme é recomendado, mas não exigido para se frequentar as aulas.

A escola vem mantendo, há vários anos, a mesma equipe de profissionais e a diretora encontra-se no quarto mandato, por eleições diretas, há oito anos no cargo, o que pode ser positivo, no sentido de evitar descontinuidade no trabalho.

Em Itabuna:

Grupo Escolar Municipal Firmino Alves

Localizada na área urbana da cidade de Itabuna, em um antigo bairro de classe média, esta é uma escola da rede municipal que ministra apenas o ensino fundamental (1ª à 4ª série do 1º grau), funcionando nos três turnos. Suas instalações físicas restringem-se a 6 salas de aula, pátio e 6 banheiros. O estado geral da escola é considerado limpo e organizado, mas os banheiros e o telhado estão precisando de reforma.

Para atender à clientela de 552 alunos, a escola dispõe de 18 professores, 2 coordenadores/supervisores, 8 funcionários de apoio administrativo, 1 diretora, 1 vice-diretora e ainda

2 agentes de saúde. Esses agentes dão assistência também a duas outras escolas. Entre os funcionários encontram-se 3 professoras, que a escola retirou de sala de aula em razão do mau desempenho.

O ensino é organizado por séries. Para apoio ao trabalho pedagógico, a escola dispõe apenas de mapas, alguns livros, aparelho de som e mimeógrafo.

A diretora trabalha na escola há quinze anos e está no cargo há dez anos, por eleição direta, o que indica liderança entre colegas, alunos e comunidade.

Escola Municipal Rural João Café

Localizada na zona rural do município de Itabuna, a escola João Café é pequena, com apenas 2 salas de aula, 2 professoras e 95 alunos, distribuídos em classes do tipo multisseriada, que abrange da alfabetização à 4ª série do 1º grau.

As instalações físicas foram adaptadas para funcionamento da escola e precisam de reforma. O ambiente é mantido limpo e organizado, mas a escola não dispõe de qualquer equipamento de apoio ao trabalho das professoras, que contam apenas com alguns livros, desatualizados.

As atividades da escola são orientadas por 2 coordenadoras/supervisoras, que visitam periodicamente esta e outras escolas rurais do município. Não há transporte e os alunos percorrem até oito quilômetros a pé para freqüentar as aulas. Não se exige uniforme e o calendário é flexível.

Embora o índice de repetência na escola seja considerado baixo (em torno de 11%, concentrados na alfabetização e 1ª série), há muitos casos de transferência e evasão, o que é atribuído à grande circulação de mão-de-obra na zona rural de Itabuna, em função da crise que assola a região cacauera.

Escola Padre Carlo Salério

Esta escola, localizada na periferia urbana de Itabuna, pertence apenas parcialmente à rede estadual. Foi criada em 1972, por iniciativa de algumas irmãs de uma ordem religiosa em conjunto com a comunidade. Inicialmente foi adquirida uma casa residencial, progressivamente ampliada pelos pais dos alunos, com a ajuda do ICB e da CEPLAC, nos tempos áureos do cacau. A escola funciona hoje em convênio com o governo do estado.

As instalações físicas compreendem 8 salas de aula, área coberta, pátio e 4 banheiros, e encontram-se em condições precárias, necessitando reformas e ampliação. O auditório é usado como sala de aula e a biblioteca é ocupada com carteiras; a pia da cozinha não funciona e os banheiros precisam de restauração. A crise na região cacauera restringiu as possibilidades de ajuda à escola e o governo da Bahia não vem cumprindo as promessas de recuperar suas instalações.

A escola funciona nos três turnos e atende a 598 alunos, 475 nas turmas da 1ª à 4ª série do 1º grau e 23 alunos em uma turma da pré-escola. Conta com 19 professores, 4 funcionários de apoio, 1 coordenadora/supervisora, 1 diretora e 1 vice-diretora. O ensino está organizado em séries e é orientado e administrado pela Secretaria de Educação da Bahia.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Adultos da comunidade

Considerando-se que o número de pais e mães entrevistados foi previamente definido e equiparado, em cada município pesquisado a predominância de adultos do sexo masculino ou feminino foi determinada pelas lideranças entrevistadas, todas do sexo masculino em Salvador e a maioria do sexo feminino em Itabuna (tabelas 1 e 4).

Quase todos os adultos entrevistados são casados. Em Salvador, a posição de chefe de família é ocupada quase totalmente (7, de 8) pelos homens e em Itabuna também, mas com menor peso (5, de 8). Esse dado é coerente com o tipo de estrutura familiar, predominantemente nuclear, tanto em Salvador quanto em Itabuna (tabelas 6, 7 e 8).

Nos dois municípios os adultos são majoritariamente de cor parda ou preta (tabela 5), o que é uma característica da população da Bahia. Esses adultos são, na maioria, sobretudo em Salvador, procedentes da zona rural do próprio estado (tabela 13) e vivem em condição de pobreza, já que a quase totalidade tem renda familiar que não ultrapassa 3 a 5 SM (tabela 11), nos dois municípios. Confirmam essa pobreza os dados sobre o número de moradores por domicílio, cuja maior frequência (metade dos entrevistados), nos dois municípios, é de 6 a 8 moradores (tabela 10), o que é bem típico das habitações de famílias pobres. Também confirmam a pobreza os dados sobre ocupação dessa população (tabela 17), já que a maioria declarou exercer atividades pouco valorizadas socialmente, que não exigem qualificação formal e, conseqüentemente, são mal-remuneradas.

Quando se examina o nível de escolaridade desses adultos, verifica-se que a maioria estudou, ainda que poucos tenham concluído o 1º ou o 2º grau (tabela 16). Quando se compara essa escolaridade com a de seus pais, percebe-se alguma melhora no nível educacional de uma geração para outra, já que em torno de metade dos pais dos entrevistados nunca estudou (tabela 15).

Os adultos da comunidade informaram, em grande maioria, praticar a religião católica (tabela 12) e, embora muitos tenham declarado não participar de grupos comunitários (tabela 19), os que participam o fazem em grupos ligados a igrejas, indicando ser forte o traço de religiosidade dessas pessoas. Já as lideranças declararam participar também de grupos político-reivindicatórios, como partidos, sindicatos e associações de moradores, o que certamente é um avanço em relação ao exercício de cidadania e um dado relacionado com a condição de liderança.

Quanto às fontes de informação dos entrevistados, predominam os noticiários de TV, nos dois municípios, sendo o rádio muito citado na região de Itabuna, o que pode indicar que ainda tem presença marcante na zona rural.

A relação dessa população adulta com a família parece ser muito forte, conforme demonstram as respostas dadas sobre sua maior preocupação ou seu maior sonho (tabelas 20 e 21). O maior número de respostas, nos dois municípios, incidiu na categoria “agregação/bem-estar da família”, “futuro dos filhos”, “educação dos filhos” (17, de 24 respostas). É interessante notar que, em Itabuna, surge, em algumas entrevistas, a preocupação com a sobrevivência, o que pode estar relacionado com a história recente do município, marcada pela decadência da monocultura cacaueteira na região e, conseqüentemente, pelo desemprego.

Crianças/Jovens

Das 20 crianças e jovens entrevistados, a maioria situa-se na faixa etária de 11 a 15 anos e é do sexo masculino (tabelas 3 e 4). Tal como os adultos, são, predominantemente de cor parda e preta (tabela 5). Grande parte (11) já trabalha, realizando atividades como guardador/lavador de carro, jornalista, vendedor, etc., muitos deles participando na manutenção

da família e alguns dividindo o seu tempo entre escola e trabalho (tabela 22). A maioria pertence a famílias do tipo nuclear ou extensa (tabela 8).

O quadro de pobreza entre as crianças e jovens entrevistados parece ser ainda mais agudo do que entre os adultos da comunidade. Todas as respostas estão concentradas nas categorias de renda que não ultrapassam os 5 SM, sendo que em Itabuna registram-se 4 casos de renda familiar de até 1 SM. Isto pode indicar uma pobreza maior no interior ou na zona rural.

Confirmam esse quadro de pobreza os registros sobre o tipo de ocupação e a escolaridade dos pais (tabelas 15 e 23). O número de pais que nunca estudaram é bem alto em Salvador (7, de 10). Em Itabuna, 3 nunca estudaram e 3 só estudaram até a 3ª série. Essa baixa escolaridade está relacionada com os seus tipos de atividades ocupacionais, visto que foram registradas aquelas que, tipicamente, são de pouco reconhecimento social, exigem pequena qualificação e permitem baixa remuneração (tabela 23).

A prática religiosa não é uma constante na vida das crianças e jovens entrevistados. Em Salvador, 7 declararam não estar ligados a qualquer religião. Em Itabuna, embora 4 tenham se declarado católicos, também 4 se declararam sem religião.

Sobre o tempo de residência no município, chama atenção o fato de que, enquanto em Salvador a maioria (6) reside no local há mais de dez anos, em Itabuna 6 declararam residir há cinco anos ou menos. Esse dado pode indicar maior movimento migratório no município de Itabuna, em razão da crise dos últimos anos em sua economia.

As principais preocupações declaradas pelas crianças e jovens (tabela 24) estão relacionadas com a sua própria educação/sucesso escolar e com a sobrevivência da família (8 em Salvador e 7 em Itabuna). Essa preocupação com a sobrevivência (moradia, salário, emprego, sustento) apareceu com maior frequência entre as crianças e jovens de Salvador e entre os adultos de Itabuna. Quando são considerados os sonhos dos entrevistados, observa-se que as respostas relacionadas com moradia e agregação familiar aparecem nos dois municípios, sendo mais frequentes em Salvador. É possível que, principalmente numa grande cidade, como Salvador, as pessoas pobres sejam levadas mais cedo a voltar suas preocupações e projetos à segurança e estabilidade da família. Em geral essas respostas revelam insegurança e insatisfação dos entrevistados com as suas condições de vida. Na leitura da tabela 25 chama atenção o baixo nível de aspiração dos entrevistados e até a declaração de alguns de não ter qualquer sonho.

Profissionais da escola

Todos os professores e diretores entrevistados são do sexo feminino, o que confirma a predominância absoluta de mulheres no magistério do ensino fundamental (tabela 4). Essas profissionais têm entre 25 e 55 anos, sendo a maior concentração na faixa de 26 a 35 (tabela 2). A maioria é de cor branca, em Salvador, e de cor parda e preta, em Itabuna (tabela 5). Todas têm 2º grau completo (magistério), 2 estão cursando e 6 concluíram o 3º grau. A maioria está no magistério há, no mínimo, 16 anos, encontrando-se, em Salvador, 4 com mais de 20 anos de serviço (tabela 27).

As professoras e diretoras consultadas têm envolvimento limitado com a vida do bairro em que se situa a escola, já que a maior parte não participa de grupos organizados da comunidade.

Nos dois municípios, as entrevistadas declararam informar-se por noticiários de TV e leitura de jornais/revistas (tabela 18). Apresentam uma renda familiar superior à dos demais entrevistados, ainda que poucas (2 em cada município) apresentem renda familiar acima de 10 SM. Também considerando a escolaridade dos pais dessas profissionais, observa-se que é um pouco mais elevada que a dos pais dos outros entrevistados. A maioria das profissionais da escola é procedente das cidades de Salvador e Itabuna e nenhuma procede da zona rural. Residem em domicílios com número menor de pessoas, se comparados com os dos demais entrevistados.

As professoras e diretoras, portanto, parecem ter uma condição sócio-econômica pouco melhor que a dos outros grupos, o que remete à pergunta: essa condição é melhor porque estudaram ou estudaram porque tinham uma condição melhor?

3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS

3.1 QUANTO AO VALOR DA ESCOLA

O que dizem os adultos da comunidade

Nos dois municípios pesquisados, as respostas das lideranças e pais revelam o grande valor por eles atribuído à educação escolar, indicando, com maior freqüência, que a escola serve principalmente para “encontrar trabalho, ter futuro garantido, ter uma vida melhor” (tabela V1):

“Sem educação é mais difícil sobreviver”.

“A gente precisa da escola para ser uma pessoa melhor no futuro”.

“A escola é importante porque educa a pessoa e possibilita encontrar emprego melhor”.

“A escola é boa para sair do trabalho da roça, que é muito pesado”.

Além disso, com igual ênfase, os adultos dizem que a função da escola é ensinar a ler, escrever, falar corretamente, calcular etc., o que expressa o reconhecimento da necessidade de adquirir habilidades específicas e assim qualificar-se para o exercício de uma profissão:

“É importante para aprender a ler e aprender profissão”.

“A gente fica conhecendo as coisas e aprende a ler, preencher cheque e envelope”.

Essa percepção da escola é reforçada pelo papel de exclusividade que lhe é atribuído, pelos adultos, no ensino do conhecimento sistematizado (tabela V4).

Observa-se que, dos 24 adultos entrevistados, 13 acham que o que se aprende na escola não se aprende em outro lugar, e mesmo aqueles que acham que se aprende também fora da escola, acham que aprende-se mais na escola (11):

“A escola já nasceu para ensinar”.

“Em termos de ensino educativo a escola é a fonte”.

“O que se aprende na escola não se aprende em outro lugar. Só se alguém que passou pela escola ensinar”.

Chamou atenção o fato de que, paralelamente a essas respostas, quase a totalidade dos entrevistados indicou que a escola tem um papel formador, ensinando a ter bom caráter, boas maneiras, saber se comportar, respeitar os mais velhos:

“A escola ensina o modo de falar, de receber alguém, de tratar com as pessoas, de observar”.

“Além de aprender a ler e escrever, se aprende a ser educado e ter bons modos”.

Esse valor extensivo atribuído à educação escolar pelos adultos, além de expressar uma crença nas possibilidades formativas da escola, expressa também um desejo de que a escola se ocupe daqueles aspectos educativos tradicionalmente próprios da família e que ela não tem mais conseguido assumir.

Corroboram esses resultados as respostas dos adultos sobre como teria sido a sua vida se tivessem estudado mais (tabela V2). Todos, sem exceção, responderam que teria sido bem melhor:

“Se tivesse estudado teria uma vida diferente, teria leitura para conseguir um trabalho, pois hoje na minha vida tudo é difícil”.

“Vocês aprenderam 25 letras, eu só sei 5; vocês sabem mandar, eu só sei pedir, porque não estudei”.

Nesse grupo, apenas os mais idosos, em número de 3, disseram que não voltariam a estudar, por não terem mais idade e/ou disposição (tabela V3). Todos os demais acreditam que o estudo, mesmo agora, mudaria sua vida para melhor. Em todas as falas registradas fica evidente a crença no poder da educação escolar:

“Fui fazer concurso e não passei porque não sabia matemática. Agora que voltei a estudar, já sei muita coisa. Posso até passar num concurso”.

“Quero estudar para não ficar nervosa para assinar o nome”.

Em relação à escolarização dos filhos, a expectativa posta pelos adultos entrevistados é muito alta, considerando-se o nível sócio-econômico e educacional do grupo. Nos dois municípios estudados, 14 dos 24 entrevistados acham importante que os filhos estudem até no mínimo o 2º grau. Destes, 7 desejam que cheguem à faculdade e 2 desejam que cheguem além dela (tabela V5). Os adultos que colocaram no horizonte de seus filhos cursar até a 5ª ou a 6ª série (2) residem na zona rural do município de Itabuna. Reforçam a importância dada à escolarização várias referências à necessidade de ingressar na escola no nível pré-escolar, ou seja, de antecipar o início dessa escolarização:

“Ave Maria! Com 5 anos é pra estar na pré-escola”.

“A pré-escola é pra perder o medo da escola”.

Esses dados demonstram que os pais desejam para seus filhos aquilo que lhes foi socialmente negado, o que fortalece respostas anteriormente referidas sobre o valor da escola para a melhoria das condições de vida:

“Só fui me alfabetizar aos 18 anos, mas ver meus filhos no 3º grau é o meu maior desejo”.

“Quero que eles tirem o diploma. Não só até a 8ª. O 2º grau é mais importante”.

A maioria dos adultos pesquisados acompanha a vida escolar dos filhos (tabela V6). Alguns declararam não ajudar nas lições porque não têm conhecimento (3), outros ajudam até o limite do seu conhecimento. A baixa escolaridade dos pais, em alguns casos, impede a colaboração reclamada pela escola. Muitos expressam “vergonha” por não poderem ajudar os filhos nos estudos, colocando-se na condição de “fracos”, porque não estudaram:

“Eu tenho uma leitura pequena, fraca. Não tenho cultura”.

Fica evidenciado que, dentre os adultos que acompanham os filhos nos estudos, são as mães, mais que os pais, que vêm assumindo essa tarefa, conforme têm demonstrado outros estudos realizados a respeito. Deve-se questionar, no entanto, a natureza desse acompanhamento. Entre as formas mais apontadas, estão: ajudar nas lições, freqüentar reuniões da escola, e comparecer periodicamente à escola para informações sobre os filhos. No que pesem todas as críticas feitas pela escola ao desinteresse dos pais pela vida escolar de seus filhos, conforme se registrou em outro item de análise (item 3.3), permanece a questão: terá a escola sensibilidade para proporcionar a pais com baixo nível de escolaridade acesso a formas de acompanhamento dos seus filhos? As formas existentes permitem o estreitamento das relações escola/família?

Pelo exposto até aqui, parece ficar evidente o grande valor atribuído pelos adultos à escola, sejam eles pais ou lideranças comunitárias. Algumas vozes expressam isso usando metáforas muito fortes:

“Quem não sabe ler é como um cego, que não enxerga nada”.

“A escola serve para dar luz, abrir os olhos, a consciência e a sabedoria”.

“Sem a escola somos cegos, surdos e mudos. É o mais importante da vida”.

O que dizem as crianças e jovens

De maneira semelhante aos adultos da comunidade, as crianças e jovens entrevistados atribuem muito valor à educação escolar, seja para “encontrar trabalho melhor, ter futuro garantido”, seja para “aprender a ler, escrever e/ou falar corretamente” (tabela V7):

“A escola serve para ensinar e para ter amigos”.

“Se não tiver escola, não acha trabalho”.

“A escola serve para ganhar a vida e não ficar burro”.

“Sem a escola, dificilmente as pessoas arranjariam emprego”.

Por outro lado, o valor atribuído por esses jovens à escola é menos idealizado do que a visão dos adultos. As habilidades específicas que a escola se propõe a desenvolver são, por alguns, questionadas:

“Se a gente aprender só o que tem na escola, não aprende a profissão”.

“O que aprendi na escola, não ajuda, não” (no trabalho).

A maioria das crianças e jovens entrevistados já trabalha e alguns deles trabalham e estudam ao mesmo tempo. Esse dado pode explicar a ambivalência de percepções sobre o valor da escola (tabelas V9 e T1). De um lado, a escola é importante porque dá um diploma ou abre o caminho para o trabalho. De outro, parte do que é ensinado é visto como inútil em relação ao trabalho. Isso é corroborado pelo depoimento de alguns professores:

“Um aluno disse que seu pai era pedreiro e nunca precisou estudar. Isso nos levou a questionar nosso papel”.

“Tem aluno que ganha mais que a gente. Eles dizem: olhe aí, eu ganho mais que a senhora e não precisei estudar tanto!”

É interessante notar (tabela V8) que nenhum dos entrevistados afirmou desejo de sair da escola (os que estudam) ou que tenham saído por vontade própria (os que abandonaram). Para estes, deixar de estudar foi necessário em razão de trabalho, gravidez ou falta de recursos até para pagar o transporte:

“Morava longe da escola e o pai não tinha condições de pagar o transporte pra ir pra rua”.

“Deixei de ir à escola por causa do trabalho. Entro de manhã e largo muitas vezes à noite. Não dá pra ir ao estudo nem de manhã nem de noite”.

“Acho importante a escola, mas o que eu gosto mais é de trabalhar, porque aí eu posso ajudar minha mãe”.

Em dois casos, entretanto, o abandono dos estudos é atribuído às relações estabelecidas com profissionais da escola:

“A diretora era gente ruim”.

“A professora me batia. Aí eu me invoquei e saí. Fui trabalhar”.

Em um desses casos, o abandono é relacionado também com o próprio insucesso:

“Eu gostava da escola. Não sei falar direito. As letras é muito difícil. Eu ficava de castigo depois da aula. O professor perguntava e eu dizia errado. Todo mundo fazia hora da minha cara”.

No que se refere às expectativas de escolaridade das crianças e jovens (tabela V10), a maioria se divide entre completar o 1º grau ou completar o 2º grau. Interessante notar que apenas entre os entrevistados de Itabuna, 3 expressaram o desejo de chegar até a faculdade (3º grau). Esse dado pode estar relacionado com a presença de universidade (UESC) na região, localizada na zona rural.

Considerando a relação que esses entrevistados fazem entre estudo e trabalho, “estudar para ter emprego melhor”, surpreende a baixa expectativa de escolarização das crianças e jovens, em Salvador, cuja maioria respondeu desejar cursar somente até o 1º grau.

É possível que essa expectativa seja uma decorrência do conhecimento, pelos entrevistados, dos limites das suas próprias condições e possibilidades ou do desconhecimento de outras alternativas.

O que dizem os profissionais da escola.

Do mesmo modo que os adultos da comunidade expressaram acreditar nas possibilidades formativas da escola (formação de caráter, de valores morais, boas maneiras, etc.), a equipe escolar menciona essa dimensão formativa como uma de suas principais funções (tabela V11). Embora com menor ocorrência de respostas, aparecem também como funções da escola possibilitar a ascensão social do aluno e ensinar os conteúdos propriamente escolares.

Essa ênfase dos profissionais numa função abrangente da escola, incluindo papéis tradicionalmente atribuídos à família, pode indicar o reconhecimento de que, em razão das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, a família de hoje já não dá conta do seu próprio papel educativo. Os depoimentos a seguir mostram o peso atribuído à educação escolar por esses profissionais:

“A escola serve para educar para a vida e preparar as pessoas para enfrentar o mundo lá fora”.

“O aluno quando entra na escola é um zero à esquerda e na escola ele tem uma visão da vida”.

“A escola tem como prioridade formar o indivíduo no seu todo para a vida. Tem que formar o caráter, tem que se preocupar com os valores”.

Chama atenção o fato de que, ao se referirem aos conteúdos que a escola tem como função ensinar, a visão dos profissionais entrevistados restringe-se ao ensino da leitura, da escrita e do cálculo, exatamente os aspectos mais críticos da escola que atende às camadas populares.

Esses profissionais reconhecem que a escola não vem cumprindo o seu papel ou, se o vem, é com falhas (tabela V12). As falhas apontadas estão mais relacionadas com o funcionamento da própria escola do que com razões ligadas aos alunos e suas famílias, como mostram outros estudos. Corrobora esse resultado a alta incidência de respostas da equipe da escola sobre as barreiras à escolarização de natureza escolar (despreparo do professor, inadequação do currículo escolar, precariedade das condições físicas, salas superlotadas, etc.) (tabela B3). Ao que tudo indica, pelo menos no discurso, os profissionais entrevistados já não colocam mais um peso tão grande na responsabilidade do aluno e dos pais pelo fracasso escolar. É possível que esse resultado configure um efeito dos cursos de capacitação, dos quais quase todas as professoras e diretoras informaram ter participado nos últimos anos. Contudo, ainda resta uma pergunta: por que os pais e alunos continuam se auto-responsabilizando pelo fracasso escolar? Continua a escola a ter influência sobre isso?

3.2 QUANTO À QUALIDADE DA ESCOLA

O que dizem os adultos da comunidade

Uma boa escola, para os pais e lideranças entrevistados, deve, principalmente, ter bons professores, mas deve também ter bom funcionamento e organização e ser bem equipada (tabela Q1).

“Uma escola boa é com todos os equipamentos, bem administrada para não haver anarquia, que professores não file aula, que seja pontual e que haja disciplina”.

“Escola boa é aquela em que a professora se interessa pelos alunos, ensina as coisas e faz com que eles se interessem e aprendam muito mais. A professora deve puxar para que o aluno pegue o ritmo”.

Essa visão da escola ideal vai ser confirmada pelas principais deficiências apontadas em relação à escola vivida. Se, por um lado, é afirmado o desejo de a escola ter bons professores, boas instalações e boa organização, é a ausência desses elementos que vêm como deficiência.

Chama atenção, no entanto, a alta frequência de respostas que indicam não haver deficiências na escola, principalmente entre os pais (tabela Q3). Esse resultado pode estar relacionado com a baixa escolaridade desse segmento da população, o que certamente dificulta uma avaliação mais precisa do trabalho escolar. Pode indicar também um certo receio de expressar críticas, apontando deficiências na escola dos próprios filhos, referência atual e imediata.

Seja apontando as deficiências da escola, seja propondo uma escola ideal, os adultos da comunidade indicam o reconhecimento da baixa remuneração dos professores:

“Soube que tem professores ganhando o que eu ganho na lavagem de ganho. Fiquei indignada e me perguntei: será verdade, meu Deus, que uma pessoa tão culta possa ganhar o mesmo de uma analfabeta?”

Há depoimentos que fazem relação entre baixos salários e desempenho do professor:

“Se os professores estão sem grana, ficam nervosos. E muitos deles trabalham três turnos”.

Entre os pais de Itabuna, um dado chama atenção: a escola ideal é a que fica próxima da moradia. Possivelmente por viverem na zona rural, onde as oportunidades de escolarização são mais limitadas, a existência de uma escola perto de casa já se configura como um elemento bastante positivo.

Comparando a escola do passado com a escola de hoje, os entrevistados, em sua maioria (tabela Q2), indicam a escola de hoje como sendo a melhor, principalmente os de Itabuna no que se refere a ensino, lições e estudo. A relação professor-aluno também foi enfatizada por alguns como aspecto positivo da escola de hoje. Interessante notar que quase todos os que responderam que a escola de hoje é melhor consideram que ela ainda pode melhorar mais. Entre os que indicaram que a escola do passado era melhor, quase todos são de Salvador. Esse dado vem confirmar estudos já realizados que mostram que, se o

acesso da população de baixa renda à escola ocorreu primeiramente nos grandes centros urbanos, ao lado da expansão da rede escolar vai ocorrendo, também, uma queda na qualidade do ensino, e isso parece estar sendo percebido tanto pelos pais quanto pelas lideranças de Salvador.

Quando solicitados a apontar os agentes responsáveis pela melhoria da escola, os adultos indicam prioritariamente o governo ou o governo em ação conjunta com os pais, associação de moradores e/ou igreja (tabela Q4). A despeito de alguns terem indicado os pais como também responsáveis, nota-se, entre as respostas, algumas que demonstram a noção de que a melhoria na educação depende de decisões políticas que transcendem as possibilidades da população local:

“O governo — federal, estadual e municipal — é que pode ajudar a escola a melhorar reservando verbas para a educação”.

“Os pais não podem ajudar, porque não têm autonomia. Têm vontade, mas não têm condições, não têm força, não têm poder. Não adianta! Quem pode é quem tem, quem arrecada o dinheiro do povo, mas o dinheiro é desviado para outras coisas”.

Alguns adultos vão além e respondem que só uma ação conjunta do governo com a comunidade, pais e segmentos organizados da sociedade pode melhorar a escola:

“Acho que a parceria comunidade-governo é o modo indicado para melhorar a escola”.

“A associação também pode ajudar, mas sem ajuda do governo, não dá”.

“O governo deveria dar o espaço físico e a comunidade assumir a administração da escola”.

O que dizem as crianças e jovens

Assim como os pais, as crianças e jovens desejam uma escola que tenha bons professores, boa direção, organização, disciplina e/ou limpeza e boas instalações e condições materiais (tabela Q5). Diferentemente dos pais, no entanto, que deram maior ênfase a bons professores, esse segmento dos entrevistados deu maior peso aos aspectos ligados à administração e organização da escola, chegando mesmo alguns alunos a dizer o que fariam se fossem diretores:

“Se eu fosse diretora não deixava ter bagunça na escola”.

As referências à “bagunça” (desorganização da escola) são muito frequentes, seja negando isto na visão que apresentam da escola ideal, seja afirmando ser esta uma deficiência da escola:

“Para uma escola ser boa é preciso que não tenha brigas, que todos sejam amigos, que não tenha depredação”.

“Uma escola boa é aquela que tem tudo organizado”.

Essas referências à “bagunça” têm para os alunos dois sentidos: desorganização do espaço físico e indisciplina dos alunos. Esses aspectos aparecem relacionados nas falas de alguns crianças/jovens:

“Pra ter uma escola boa é preciso ter um recreio maior, banheiros organizados e sala de aula maior”.

“O que não é bom na escola são umas espécies de colega”.

“Uma escola boa seria organizada, sem bagunça, todo mundo interessado pra estudar”.

Atribuem essa desorganização à direção, mas, principalmente, aos próprios colegas, sendo raros os que se incluem entre os “bagunceiros”.

Deve-se notar que entre as crianças e jovens que abandonaram os estudos, a escola ideal é também a que ajuda a encontrar trabalho, tanto em Salvador quanto em Itabuna. Ainda que esses jovens idealizem uma escola com tais características, quando se referem à escola vivida, alguns chegam até a afirmar que o que aprenderam na escola não os ajuda a encontrar trabalho.

Quando as crianças e jovens se referem aos aspectos positivos da escola vivida, são mais freqüentes as respostas relacionadas com ensino, aulas, estudo, professores bons, principalmente, entre os que estão na escola. De um modo geral, eles se referem aos professores com muito carinho e valorizam os que são pacientes. Já entre os que abandonaram os estudos, há referências negativas aos professores:

“Não é bom na escola quando a professora bate. Aí os meninos se desgosta de ir e não vai mais. Quando a professora é boa todo mundo quer ir, mas tem umas ignorante”.

“A escola tem algumas coisas boa, mas a professora, não. As professoras são todas ignorantes”.

Conhecer pessoas, ter colegas e amigos por intermédio da escola é também valorizado pelas crianças e jovens, seja quando falam dos aspectos positivos, seja quando falam de uma escola ideal:

“Escola boa seria maior que esta, para eu ter mais colegas e conhecer mais pessoas”.

Esse aspecto socializador da escola, que tem sido tão enfatizado nos estudos sobre processos de construção de conhecimento, não aparece nas falas dos adultos, e, surpreendentemente, nem mesmo nas falas dos profissionais da escola. A interação criança-criança, considerada básica, tanto na aprendizagem de conteúdos especificamente escolares quanto no desenvolvimento de comportamentos sociais, vai ser apontada apenas pelas crianças:

“A escola ensina o aluno pra ele já ensinar a outro”.

“Sinto-me bem na escola porque a escola tem muita coisa boa, muitos amigos”.

“Na escola estou aprendendo a escrever e a ensinar coisas aos colegas”.

Percebe-se nesses e em outros depoimentos que a formação de vínculos afetivos com a escola se dá também pela via das relações sociais que ocorrem no seu interior, em condições informais. Essas relações têm sido desprezadas ou mesmo desestimuladas pelos profissionais da escola, despreparados para lidarem com essa importante dimensão do trabalho escolar.

O que dizem os profissionais da escola

Uma escola ideal, para as professoras e diretoras entrevistadas, é aquela que atende às necessidades de sua clientela, que se preocupa com a formação do aluno e que, além de transmitir o conhecimento formal, preocupa-se com a “preparação para a vida”.

De um modo geral, indicam que a escola de hoje está muito distante da classe popular, porque não ensina conhecimentos úteis para “a vida lá fora”. Pela crítica ao que a escola não faz, pode-se perceber o que acham que ela deveria fazer. A necessidade de adequar os conteúdos às características dos alunos e de desenvolver o interesse do aluno pelo trabalho escolar é enfatizada:

“Quando o professor fica com um assunto que não interessa, o aluno não vibra e vai embora”.

“Não se usa a cultura dos alunos para que possam aprender melhor. Às vezes é uma disparidade”.

“Nem todas as crianças chegam à 8ª série porque têm que trabalhar e porque se desentendem com a escola, porque não estão vivendo na escola a realidade delas”.

Além dessas, outras deficiências são apontadas pelos profissionais da escola, tais como: precariedade das instalações físicas, falta de material didático, salas superlotadas, falta de comprometimento, despreparo e baixa remuneração do professor, deficiências na integração escola-família e falta de vontade política de melhorar a educação:

“A escola de hoje enfrenta muitas dificuldades: falta de material didático, falta de condições físicas, falta de uma política mais honesta para gerenciar melhor a educação”.

“As dificuldades são: despreparo do professor, baixa remuneração para o professor, precariedade das condições do espaço físico e falta de material de ensino-aprendizagem à disposição de todos”.

No depoimento desses profissionais, fica patente o reconhecimento de deficiências relacionadas com o trabalho do professor, tanto no âmbito de sua atuação em sala de aula quanto no de suas condições de trabalho:

“As crianças não chegam à 8ª série. Primeiro porque os professores deveriam ter mais cursos sobre a 1ª série, que é alfabetização. Eles trabalham supondo que os alunos sabem ler e escrever, o que eles não sabem. Aí o aluno se desestimula e abandona”.

“O professor não está tendo equilíbrio, não, porque trabalha em muitos lugares. Nos bairros mais carentes os professores são piores, ou porque moram perto da escola e são carentes também, ou porque não conseguem vaga perto e vai para onde não quer ir”.

Por outro lado, há depoimentos que enfatizam o esforço dos professores para fazer um bom trabalho como um aspecto positivo da escola:

“Nesta escola os professores procuram estar mais junto do aluno. Há um comprometimento com o sucesso do aluno”.

“Nossa escola tem cuidados com seus alunos e há um acompanhamento contínuo do seu desempenho”.

“Boa parte dos nossos professores atua como educadores mesmo!”

Entre outros aspectos positivos da escola, são citados pelas professoras: a existência de merenda escolar, a distribuição de material didático, a não-exigência de fardamento escolar, etc.

Para as professoras e diretoras, a responsabilidade pela melhoria da escola cabe tanto ao governo quanto aos pais e à própria equipe escolar. O governo, destinando verbas para a educação e, via Secretarias de Educação, promovendo capacitação de professores, melhorando a qualidade da merenda escolar, racionalizando a distribuição de vagas pela rede escolar, contratando pessoal, dando autonomia financeira e administrativa às escolas e melhorando o salário dos professores. Os pais, participando mais da escola, acompanhando e orientando o estudo dos filhos. Os professores, comprometendo-se mais com a escola e com os alunos, participando dos cursos de treinamento e melhorando a sua prática, tratando bem os pais para que eles participem.

Ainda que as professoras e diretoras reconheçam o papel do governo e da equipe escolar na melhoria da escola, demonstram ainda expectativas em relação a formas de participação dos pais que, pelas condições de vida e nível de escolaridade, não podem ser por eles realizadas.

Algumas professoras expressaram desejo de melhorar seu próprio trabalho, mas reclamam da ausência de estímulo e de condições para isso.

3.3 QUANTO A BARREIRAS À ESCOLARIZAÇÃO

Analisando-se as entrevistas realizadas em Salvador e Itabuna, constatou-se a indicação de barreiras à escolarização de natureza pessoal, familiar, econômica, social e escolar, por todos os segmentos entrevistados. O peso atribuído a cada uma destas, porém, é diferente (tabelas B1, B2 e B3).

O que dizem os adultos da comunidade

Para os adultos, o insucesso escolar é resultante das próprias condições de vida da clientela — pessoais, familiares e econômicas (86, de 123 respostas). As barreiras de natureza escolar, embora tenham sido frequentes, são bem menos citadas que as demais consideradas em conjunto (tabela B1).

A pobreza é mencionada como um dos fatores responsáveis pelo não-ingresso na escola e pela evasão:

“Tem muita criança sem escola por condições financeiras. O desemprego é muito grande”.

“Tive que tirar o menino da escola uma vez pra me ajudar. A situação tá muito difícil”.

“Quem não tem onde morar, por exemplo, como pode botar o filho na escola?”

Alguns acrescentam à pobreza o desinteresse e/ou “ignorância”, falta de informações dos pais ou o desinteresse e/ou falta de inteligência das crianças:

“Vai também do interesse dos pais em botar na escola para a criança ir criando boa vontade. A vizinha mesmo diz que o filho não estuda porque tem juízo quente”.

“Estudar por quê? Além das dificuldades que as famílias enfrentam, em muitos casos se vê que é descaso com a escola”.

“Outros bebem e não se interessam pelos filhos”.

“Os pais não têm informação e não incentivam porque acham que criança pode viver sem estudo”.

Os pais e as crianças são também responsabilizados pelos adultos entrevistados, quando estes se referem a repetência, insucesso, dificuldades na escola:

“Meus filhos perderam na prova. Ficaram na recuperação. Também o interesse deles é pouco. Um já perdeu a 2ª, outro a 1ª e outro a 3ª série”.

“Tem muita criança que não se dá bem na escola porque não tem orientação dos pais”.

“Meus filhos vão bem na escola no comportamento, mas para aprender são devagar”.

Quando mencionam as barreiras de natureza escolar, as lideranças e pais se referem, principalmente, a aspectos que não estão no cerne do trabalho pedagógico da escola (tabela B1), como falta de escolas e/ou vagas, escola distante do local de moradia, número de vagas insuficiente e baixa remuneração dos professores:

“A maior dificuldade para meus filhos estudar foi a distância da escola, porque morava bem longe de alguma escola. Hoje a maior dificuldade é a despesa com livros e fardas”.

“Cansei de procurar vaga pra botar meus meninos na escola, quando cheguei de Itapirica e não encontrei, eles tiveram que parar”.

“Agora, vaga, tive muita dificuldade mesmo. Esperei quatro anos e consegui só com apresentação (carta) de uma pessoa importante. Passei o dia todo na fila. Tomei dinheiro emprestado para livro e farda, mas comprei”.

Esta visão dos adultos a respeito das barreiras de natureza escolar, que exclui, quase que totalmente, os aspectos intra-escolares pode refletir dificuldades de comunicação escola-família e, por conseguinte, desconhecimento, pela família, do que ocorre no interior da escola. Esse resultado pode estar relacionado com a alta frequência de respostas dos adultos da comunidade que indicam não haver deficiências na escola, ou, quando chegam a apontar deficiências, o fazem em relação a instalações e organização, conforme se comentou no item anterior.

O que dizem as crianças e jovens

Entre as crianças e jovens também as barreiras de natureza escolar são pouco apontadas, sendo bem mais frequentes as referências a barreiras de natureza pessoal, familiar e sócio-econômica (tabela B2). Chama atenção o alto número de respostas que indicam barreiras de natureza pessoal (falta de interesse, falta de inteligência, falta de responsabilidade), sobretudo entre os alunos que abandonaram os estudos. Esse resultado não surpreende, considerando-se a existência de várias pesquisas mostrando que o fracasso escolar tem produzido, entre as crianças das classes populares, sentimentos de baixa estima pessoal e de auto-culpabilização.

Apesar de enfatizarem as barreiras de natureza pessoal, as crianças e jovens entrevistados afirmaram que não têm vontade de deixar de estudar ou que não abandonaram os estudos por vontade própria, conforme se analisou no item anterior. Nesse caso, não seria mais adequado se falar de expulsão do que de evasão, como sugerem outros estudos que tratam da mesma temática?

O que dizem os profissionais da escola

As professoras e diretoras, por sua vez, apesar de considerarem as condições de vida das populações de baixa renda como um dos determinantes do fracasso escolar, reconhecem a existência de uma diversidade de barreiras de natureza escolar, como já se analisou no item 3.1. Importante assinalar a referência de todos os profissionais da escola à condição de pobreza dos alunos como uma barreira à escolarização. Essa pobreza, além de impor o trabalho precoce, a migração, a precariedade de alimentação e moradia, impossibilita o pagamento de transporte e a aquisição de farda, livros e material escolar, além de limitar o universo de experiências dos alunos:

“O que eles precisam mesmo é de emprego. A pobreza é que cria dificuldade”.

“Os problemas mais sérios que os alunos trazem para a escola são: fome, agressividade, pobreza física e trabalho fora da escola”.

“É na escola que essas crianças têm contato com livros, revistas e outras coisas que elas não têm em casa. Há crianças aqui (e grandes!) que nunca viram a praia, que não conhecem sabonete”.

A despeito dessas referências, algumas professoras e diretoras acentuam que, quando as crianças pobres são bem atendidas pela escola, as dificuldades são superadas:

“Não tenho grandes dificuldades para atender os alunos pobres, embora tenha que ajudar muito — conseguir roupa, caderno, sapato, lápis, borracha”.

“Quando a escola busca na comunidade os recursos naturais mais próximos dos alunos, pode contribuir melhor para o desenvolvimento deles”.

“Se os alunos não têm farda, entram assim mesmo. Afinal quem vai aprender não é a farda, mas a cabeça”.

Ainda que os profissionais da escola já revelem um conhecimento sobre a existência de barreiras à escolarização produzidas no interior da escola, ao mesmo tempo expressam, como condição para o sucesso escolar, o apoio da família na orientação dos deveres de casa. Ora, se esses profissionais reconhecem o nível de pobreza e a falta de informação da família, como podem esperar que pais analfabetos ou semi-analfabetos venham a ser co-responsáveis pelo desempenho pedagógico da escola? Se é realmente a escola conhecedora das condições de vida de sua clientela, não deverá desenvolver novas formas de trabalho que levem em conta as possibilidades e limitações dos pais?

O que sugerem os entrevistados para superação das barreiras

Lideranças e pais

“O governo deveria colocar fiscais para assuntar onde falta sala de aula, dizer onde não tem estrada, onde tem rio sem ponte, etc.”

“Fazer um recenseamento rigoroso e fazer todo mundo ir pra escola”.

“A associação deve procurar as crianças que não estão na escola, procurar a família e ajudar a matricular”.

“O governo tem que botar um fiscal na rua pra verificar a quantidade de crianças que tem e levar para a escola”.

“Botar gente para ir nas casas conversar com os pais sobre a importância da educação e obrigar a botar na escola”.

“O que precisa ser feito primeiro é a merenda, comprar os utensílios para a merenda”.

“O governo deve dar o uniforme. Economiza roupa e identifica o colégio. Dá orgulho e entusiasmo ao aluno e evita a humilhação das crianças que não têm muita roupa para vestir”.

“Deve haver preocupação dos órgãos públicos com mais construção de escolas e com mais oportunidade de emprego”.

“Construir escolas próximas do local de moradia das pessoas”.

“Precisa de um projeto de ‘Mutirão de Alfabetização’ que eu já participo aqui em Itabuna”.

Professoras e diretoras

“Manter a merenda é importante para a frequência. Quando não tem merenda eles faltam muito”.

“Deve-se garantir a distribuição de farda e material escolar para os alunos”.

“A secretaria deve fazer a matrícula considerando o local de moradia do aluno”.

“As dificuldades que os alunos enfrentam na zona rural — transbordamento de rios, colheita etc. —, fazem com que os alunos desapareçam temporariamente. Por isso a escola tem que alterar o calendário de provas”.

“Cada empresário deveria adotar uma escola, mesmo se fosse miniempresário, em parceria com o governo. Até ajudaria a gerenciar, não na parte pedagógica. A nível de Brasil seria ideal”.

3.4 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

O que dizem os adultos da comunidade

Nos depoimentos dos adultos sobre a relação da escola com a família aparecem duas perspectivas. Uma indica como a família pode ajudar a escola, a outra mostra que tipo de ajuda a escola vem solicitando às famílias.

É alta a frequência de respostas, principalmente em Salvador, que evidenciam que a escola busca a família apenas para suprir suas necessidades materiais e de serviços:

“A escola às vezes pede ajuda dos pais para pintar o prédio e, quando está sem merenda, pede às mães da comunidade para ajudar com alimento”.

“Às vezes a escola solicita material de limpeza”.

“A escola só pede ajuda nos tempos de festa”.

“A escola pede ajuda para fazer faxina, levar tempero e outras coisas”.

Em outros depoimentos, sobretudo em Itabuna, os adultos informam que essa ajuda é solicitada no acompanhamento da vida escolar dos filhos.

“A diretora sempre me convida para saber sobre meus filhos”.

“A escola pede para ajudar nas lições, mas quando o pai não souber, também não deve atrapalhar. Não chamar de burro ou outra coisa”.

Alguns entrevistados, no entanto, afirmam nunca terem sido procurados pela escola ou sugerem que a escola só procura quando a criança tem problema:

“A escola não me pede ajuda para nada”.

“Penso que os meninos vão bem na escola porque os professores nunca falam nada!”.

“Só quando ocorre problemas com os filhos na escola, a professora manda chamar os pais”.

Essa atuação da escola, na sua relação com a família, pode estar justificando uma visão limitada dos pais sobre suas possibilidades de colaborar:

“Os pais pode ajudar. Por exemplo, ter um dia dedicado dos pais fazer a limpeza da escola.”

“Eu poderia ajudar na limpeza, mas quem trabalha é difícil, pois o patrão não libera”.

“Não ajudo porque tenho leitura pouca”.

Aparecem também nas entrevistas indicações de uma visão das relações escola-família que transcende o nível do apoio material e, embora em poucos casos, já se insinua também uma postura crítica:

“É preciso não inibir o adulto, senão ele não vai na escola. O principal aí é a simpatia. O pedestal do professor já acabou”.

“A comunidade podia colaborar mais. Os pais deviam acompanhar as atividades dos filhos na escola, assim como inteirar-se das necessidades da própria escola”.

“A escola me chamava para conversar. Mas não atendia às reclamações (sempre não depende da escola), dava desculpa e ficava tudo por isso mesmo”.

Importante destacar que uma das escolas de Itabuna tem sua origem diferente das demais, já que surgiu a partir de um movimento da comunidade local em articulação com uma igreja. Apesar de ser hoje mantida pelo governo do estado, não perdeu seus vínculos de origem e suas relações estreitas com a comunidade. O depoimento de uma mãe explicita essa relação:

“A escola solicita ajuda da comunidade, faz um trabalho integrado com a igreja, de conscientização da população. O trabalho de comunidade aqui começou com essa escola; muitas casas foram construídas através do trabalho da escola com a Igreja”.

Pelo que se expôs até aqui, fica mais uma vez evidenciado que o distanciamento família-escola não é de responsabilidade apenas da família.

O que dizem as crianças e jovens

Em geral as crianças e jovens, ao falarem sobre a sua relação com a escola, referem-se bem mais à convivência com os colegas, às brincadeiras no pátio e no recreio e às “bagunças”. Há poucas informações nas entrevistas sobre suas experiências de aprendizagem em sala de aula. Quando mencionam as relações da família com a escola, restringem-se a dizer que, ou os pais sempre a visitam, ou que lá só comparecem quando chamados. Parece não ser do conhecimento desse segmento de entrevistados a natureza da atuação da escola junto à família. Muito poucos informaram o teor dos contatos dos familiares com a escola. Por exemplo:

“Minha tia veio à escola uma vez para saber do meu comportamento. A professora falou que eu estava fraca em matemática e em ciências”.

“Meus pais só vêm à escola para assinar boletim. As vezes vem para a secretaria por que é chamado por causa da bagunça que fazem e diz que foi os outros”.

Principalmente os que estão na escola informam, de maneira muito vaga, que a escola é boa, que a professora e a diretora são boas e que “os funcionários são legais”. Alguns dizem também, sem maior esclarecimento, que, quando têm algum problema na escola, conversam com a professora ou a diretora. Entre os que abandonaram os estudos, há os que reclamam de dificuldades de relacionamento com os profissionais da escola e do seu desinteresse pela vida pessoal dos alunos:

“Tem professora muito ruim na escola. Tem diretora ignorante”.

“Eu saí da escola e a professora não procurou saber por quê”.

Dentre os entrevistados, poucos afirmam receber ajuda dos familiares na execução das tarefas escolares. Esse dado deve estar relacionado com o nível de escolaridade dos pais ou sua ausência de casa em razão de trabalho. Deve-se considerar ainda que até as condições de moradia — falta de mesa, de cadeira, de material de consulta, etc. — podem dificultar a colaboração da família com a escola.

O que dizem os profissionais da escola

Um exame da tabela V15 mostra que, segundo os profissionais da escola, existe proximidade entre escola, crianças e famílias, por duas razões: porque a comunidade usa o espaço físico da escola para reuniões, trabalho e/ou como área de lazer; porque a família participa da vida escolar do aluno, respeita e/ou valoriza a escola. Essa última razão é mencionada com maior frequência, principalmente em Itabuna. Poucas foram as professoras e diretoras que indicaram distanciamento escola-família. Em três casos, esse distanciamento é atribuído ao fato de que a família só vem à escola quando solicitada, não mostra ou vem

perdendo o interesse pela escola; em três outros casos, porque a escola é distante da residência dos alunos:

“Não há distância entre a escola, as crianças e as famílias. As mães são informadas de tudo, vêm à escola, na reunião ou não, procuram saber, colaboram”.

“A escola é distante da família. O comum é vir à escola quando solicitada apenas. É também distante da criança, porque não é capaz de atender às necessidades dela, de cada uma, porque a escola é padronizada”.

O contato da escola com a família é feito geralmente em reuniões de iniciativa da escola, que são realizadas, segundo alguns entrevistados, ao final de cada unidade, ou seja, a cada dois meses. A chamada para essas reuniões é feita por bilhetes, convites escritos e/ou recados pelos próprios filhos. É dessa mesma forma que os pais são convidados a comparecer à escola para outros contatos. A frequência dos pais às reuniões, segundo alguns entrevistados, é alta. Para estes, “os pais colaboram, vêm às reuniões e procuram se informar de tudo”. Para outros, os pais são chamados e não comparecem. Nesse caso, a divergência de informações deve estar relacionada com a experiência particular de cada escola no aspecto considerado.

Esses contatos são usados, basicamente, para fornecer informações aos pais sobre necessidades da escola e sobre o comportamento e o desempenho escolar dos filhos. Também o boletim de notas é usado como maneira de informar os pais sobre o desempenho dos alunos.

As informações das professoras e diretoras sobre a participação dos pais na vida da escola confirmam comentários anteriores de que, na prática, essa participação é limitada:

“Acho que a comunidade pode ajudar no que se pede: tempero, osso, carne, mutirão de limpeza, consertos”.

“Em algumas oportunidades a comunidade ajuda na conservação do prédio, suprimindo a falta de funcionários e outras necessidades”.

Ainda que alguns depoimentos revelem preocupação da equipe escolar com outras formas de integração escola-família (por exemplo, colaborar na gestão, participar de eventos culturais, palestras, cursos, atividades recreativas e de lazer), a forma de participação que predomina é a de suprir deficiências da própria escola (de material e serviços de apoio).

Em algumas entrevistas aparece como justificativa para a proximidade escola-comunidade o uso do seu espaço físico pela população local para reuniões religiosas, políticas e/ou como área de lazer. Este é, por exemplo, o caso da escola rural de Itabuna, único espaço disponível para atividades coletivas (palestras, filmes, festas, etc.) da comunidade.

Considerando o que foi aqui exposto sobre as relações escola-família, pode-se concordar com professoras e diretoras de que existe, de fato, a proximidade que a maioria declara existir?

3.5 O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NA ÓTICA DE SEUS PROFISSIONAIS

O que dizem as diretoras

As escolas pesquisadas, segundo suas diretoras, têm o trabalho orientado por um plano anual elaborado pela Secretaria de Educação à qual está cada uma vinculada. Durante o ano letivo são feitos planos semanais em cada escola, para estabelecimento das rotinas, com base no plano anual.

Em geral, o acompanhamento do trabalho pedagógico fica a cargo de supervisoras ou coordenadoras, que trabalham na própria escola ou que a visitam regularmente.

A gestão da escola é de responsabilidade da direção. Constata-se a não-existência de conselho escolar em atuação. Algumas diretoras reclamam da insuficiência de recursos financeiros e de autonomia para geri-los, da falta de recursos humanos, de equipamentos e materiais, inclusive os de natureza pedagógica. Algumas destacam a importância dos cursos de capacitação.

O que dizem as professoras

Quanto ao planejamento escolar, a informação das professoras é semelhante à das diretoras. Algumas acrescentam que flexibilizam o plano, ajustando-o às características da clientela.

A avaliação do desempenho dos alunos vem sendo feita, de um modo geral, segundo padrões convencionais. Provas, testes e exercícios para nota são usados por todas as entrevistadas; algumas se referem também a acompanhamento individual e diário. As correções coletivas são freqüentemente citadas, deixando dúvida sobre o quanto essas professoras realizam, de fato, de acompanhamento individual de seus alunos.

Ainda que as crianças e jovens tenham apontado a indisciplina (“bagunça”) como um dos problemas sérios da escola, todos os professores entrevistados afirmaram não enfrentar esse tipo de problema. Somente um estudo do que ocorre, de fato, no interior das salas de aula pode esclarecer essa questão.

Várias são as dificuldades apontadas pelos professores no seu trabalho, muitas delas já indicadas no item sobre barreiras à escolarização: falta de material didático, de material de consulta, de bibliotecas, de equipamentos novos, de programas de atualização para os professores; classes superlotadas; turmas muito diversificadas; conteúdos não direcionados à clientela, etc.:

“O problema mais sério mesmo é a falta de recursos para tocar do jeito que a gente gostaria de fazer. Por exemplo, estamos encantados com a revista Vídeo-Escola, mas não temos condições de receber em nossa escola. Gosto de trabalhar daquele jeito, mas como vamos aplicar?”

“Mesmo usando o construtivismo é difícil passar todo mundo porque minha classe é de repetentes, com faixa etária diferenciada e interesses distintos. Tem alunos que estão entrando praticamente na adolescência e outros saindo da infância, o que dificulta muito a aplicação da metodologia”.

Em quase todas as entrevistas, as professoras registram casos de evasão e de repetência em suas turmas. Para a evasão, os motivos apontados são: mudança do local de moradia do

aluno, necessidade de trabalhar e desinteresse dos alunos e de suas famílias. No caso de reprovação, referem-se a razões de natureza pedagógica, falta de condições econômicas e educacionais da família e também desinteresse dos alunos. Poucas professoras, no entanto, assumem claramente sua responsabilidade no fracasso dos alunos:

“Acho que meus alunos este ano não vão bem. Acho que foi por causa da metodologia de alfabetização que usei. Fiquei resistente inicialmente ao construtivismo, quando comecei a ter mais domínio dele já estava quase no final do ano”.

Importante destacar que, embora as professoras mencionem com frequência os baixos salários como barreira à escolarização, não se referem a eles como fator que interfere no seu próprio desempenho. As poucas que falam de salário, nesse caso, afirmam que ele não deve influenciar a qualidade do trabalho em sala de aula:

“Quando se veste a camisa pode-se fazer alguma coisa. Quando entro na sala esqueço o salário. Foi uma opção minha, ninguém foi me chamar em casa. Com isso não quer dizer que devemos deixar de lutar, mas não posso é descontar nos alunos”.

“Temos que ficar indignados pelo salário, mas isso não deve influenciar na prática.”

Chamou atenção, nas entrevistas das professoras, o reconhecimento de que é possível melhorar a sua prática. Expressam o desejo de continuar participando de cursos de capacitação como uma forma de se prepararem para um trabalho mais produtivo em sala de aula:

“A maior dificuldade de ser professor é o aparecimento de coisas diferentes todos os dias. Novos conhecimentos que eu não domino”.

“O que não pode acabar mesmo são as capacitações, porque é bom para os professores e principalmente para os alunos. O ensino melhora muito com as capacitações”.

4 PRINCIPAIS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES

Um estudo conduzido pela UNESCO (1984-89) mostra a importância potencial da pesquisa educacional como meio de melhorar as políticas e práticas no campo da educação. Essa importância se deve ao reconhecimento de que a pesquisa pode fornecer elementos que permitem ações adaptadas às condições específicas dos diferentes sistemas educacionais. Apesar desse reconhecimento, o que se verifica, de fato, segundo o referido estudo, é que ainda se está muito longe de transformar os resultados de pesquisas em programas viáveis de ação. É com a expectativa de que seja possível superar essa lacuna que são aqui apresentados, de forma sumariada, os resultados deste trabalho, bem como algumas recomendações.

Mesmo que se reconheçam as limitações quanto à abrangência da amostra e à natureza exploratória do estudo aqui relatado, sua importância vai além do delineamento das fases subsequentes do trabalho no qual se insere. Os resultados obtidos permitem inferir algumas tendências, além de suscitar hipóteses motivadoras de novos estudos e indicar reco-

mendações a serem transformadas em propostas de ações pelos órgãos executores das políticas educacionais.

Espera-se, assim, que os resultados deste e de outros estudos realizados possam realmente contribuir para a melhoria do atendimento educacional das populações pobres. Para isso, serão sugeridos alguns aspectos críticos presentes na relação da escola com seus beneficiários que, ao serem comparados aos apontados por outras pesquisas, mostram-se, em alguns casos, recorrentes. Portanto, se assim o são, não foram ainda solucionados.

Da caracterização dos entrevistados, fica bem evidenciado que o usuário das escolas pesquisadas, em Salvador e Itabuna, vive em condições de pobreza. Se, por um lado, a pobreza não pode ser considerada como fator determinante do insucesso escolar, por outro, não se pode deixar de levar em conta que condições precárias de vida dificultam, muito, tanto o acesso quanto a permanência na escola. Embora seja a pobreza um problema cuja solução transcende o âmbito das ações educacionais, não pode, por isso, deixar de ser referida, mesmo porque está subjacente a grande parte dos aspectos críticos identificados neste trabalho. Ao mesmo tempo, a superação das condições de pobreza não acontece sem mudanças efetivas no padrão educacional da população.

Essa população, por sua vez, parece reconhecer o significado que a educação tem ou poderia ter nas suas vidas. Os adultos entrevistados revelaram uma expectativa muito alta e idealizada da educação escolar como mecanismo de ascensão social, atribuindo-lhe, inclusive, funções educativas tradicionalmente próprias da família. Esses adultos manifestaram ainda o desejo de que os filhos alcancem níveis de escolaridade bem superiores aos seus e até que possam ingressar na escola antes do início do 1º grau (pré-escola). Essa valorização da educação escolar é confirmada por outras pesquisas que a indicam como motivo da permanência por vários anos das crianças na escola, ainda que com repetência. Por outro lado, a grande expectativa em relação à escola pode ser decorrente de um conhecimento limitado sobre suas possibilidades e limitações. Se essa expectativa é pouco realista em relação ao que a escola, de fato, pode oferecer aos seus filhos, a sua existência tem-se mostrado importante, tanto para a procura da vaga, quanto para a permanência na escola.

Segundo os adultos da comunidade, uma boa escola é aquela que possibilita o sucesso escolar e social de seus filhos. Se, entre eles, há clareza sobre a escola desejada, há também dificuldades em apontar as deficiências da escola vivida por seus filhos, embora reconheçam que existem “falhas”.

Essas dificuldades de avaliação do trabalho da escola podem ser explicadas, tanto pela experiência escolar limitada dos pais, quanto pelo tipo de participação que a escola lhes permite. Observa-se, por exemplo, que os pais “escolhem” a escola de seus filhos muito mais pela proximidade da moradia ou por não haver outras alternativas, e não pela avaliação da qualidade do trabalho desenvolvido. A dificuldade de avaliar a escola pode explicar a exclusão de variáveis intra-escolares, nas referências dos adultos entrevistados, às barreiras à escolarização. Pode explicar também a tendência a responsabilizar alunos e pais pelo não-ingresso na escola, pela evasão e pela repetência. No entanto, esses adultos não têm uma visão pessimista da escola. Se não apontaram com clareza as suas falhas, afirmaram que existem e que a escola pode melhorar. Mas, mesmo ao sugerirem formas de superar essas falhas ou barreiras à escolarização, o fazem sem se referir ao cerne do trabalho esco-

lar. As sugestões enfatizam que o governo, ou o governo em conjunto com a comunidade, deve construir escolas próximas dos locais de moradia, distribuir merenda escolar, distribuir uniformes e material escolar, conscientizar os pais sobre a importância da educação escolar e obrigar os pais a colocarem os filhos na escola.

As crianças e jovens entrevistados também atribuem muito valor à escola, embora a vejam de forma menos idealizada que os adultos. Sua expectativa de escolarização é baixa e suas percepções sobre a utilidade do que se aprende na escola são, por vezes, ambivalentes. Talvez a experiência de viver a escola, com todas as suas deficiências, dê a esses alunos uma visão mais realista do que ela pode oferecer e do que eles podem conseguir com a educação escolar. Todos os entrevistados afirmaram nunca ter desejado sair da escola, e os que o fizeram não alegaram vontade própria. Assim, o valor atribuído à escola parece se sobrepor às dificuldades enfrentadas e pode ser responsável pela resistência ao insucesso escolar (permanência com repetência) também entre as crianças e jovens.

Esse segmento, certamente pela experiência escolar atual ou recente, tem uma visão mais crítica da escola que os adultos. A julgar pela frequência com que se referem a “bagunça” ou a desorganização, os entrevistados atribuem muito valor à disciplina e até a apontam como uma característica da escola ideal. Outra característica é a possibilidade de, por meio da escola, conhecer pessoas, ter colegas e amigos, sendo este o aspecto que mais os atrai na escola vivida. A despeito de serem capazes de indicar aspectos negativos no funcionamento da escola, as crianças e jovens continuam colocando em si mesmos grande parcela da responsabilidade pelo fracasso escolar, o que se observa, principalmente, entre os que abandonaram os estudos.

As professoras e diretoras entrevistadas, ao afirmarem que a escola hoje deve ter um papel mais abrangente do que o de ensinar os conteúdos propriamente escolares, demonstram reconhecer que as condições de vida da população que frequenta a escola pública limitam a atuação dos pais na educação dos filhos. Ao mesmo tempo, declaram que a escola não está desempenhando bem suas funções e apontam várias deficiências no seu funcionamento como principais barreiras à escolarização. Ao contrário do que mostram outros estudos, esses profissionais já não responsabilizam tanto os alunos e suas famílias pelo insucesso escolar. No entanto, de forma contraditória, reclamam das famílias uma colaboração no acompanhamento dos filhos que ultrapassa as possibilidades dos pais, seja pela necessidade de trabalhar, seja pela baixa escolaridade.

Pelo menos no nível do discurso, observa-se um avanço considerável na postura desses profissionais, quando comparada com a postura apresentada por professores a respeito das causas do fracasso escolar registradas em outras pesquisas. Esse avanço pode ser atribuído ao efeito de cursos de capacitação dos quais vêm participando, haja vista a presença de um “jargão construtivista” nos seus depoimentos. Se as mudanças nos discursos estão se refletindo na sua atuação, só um estudo do que ocorre no interior da sala de aula poderia responder.

Na ótica das professoras e diretoras, são estreitas as relações entre a escola e a família. No entanto, a visão que têm dessas relações é muito limitada. Para essas profissionais é a família quem deve procurar a escola, e, quando se referem à participação dos pais, mencionam assistir a reuniões para se informarem sobre o desempenho dos filhos, prestar servi-

ços (limpeza, consertos, mutirões) e/ou fornecer apoio material para suprir deficiências da própria escola. Foram essas, também, as formas de participação que os adultos da comunidade informaram ter na escola. Essa visão superficial das possibilidades de interação escola-família pode, certamente, explicar porque os pais não participam mais efetivamente na vida escolar e apresentam um conhecimento limitado do funcionamento da escola. Parece, assim, haver mais distância do que proximidade entre escola e família.

Considerando-se os resultados aqui apresentados, recomenda-se:

Sobre Novos Estudos

- que sejam feitas pesquisas que permitam melhor compreensão a respeito do abandono escolar, por exemplo entrevistando-se também pais (ou responsáveis) de crianças/jovens que abandonaram a escola;
- que sejam melhor investigadas as relações escola-trabalho e a utilidade sócio-econômica e política da escola para as camadas populares;
- que seja melhor investigado o trabalho infantil;
- que sejam melhor investigadas as formas existentes de relação escola-família;
- que sejam investigadas as formas de interação aluno/aluno em sala de aula, no recreio e/ou em outros espaços da escola, e as possibilidades de aprendizagem que apresenta;
- que sejam feitos estudos sobre o interior da sala de aula que possam explicar como a escola está produzindo o insucesso de seus alunos;
- que seja desenvolvido um modelo de pesquisa que sirva como exemplo concreto para futuras investigações a serem implementadas por estados e municípios que buscam soluções para seus problemas educacionais específicos.

Sobre Programas de Ação

- que a ação educativa da escola estenda-se à família pela promoção de atividades que estimulem sua participação efetiva;
- que a escola desenvolva novas formas de trabalhar com os alunos e suas famílias, de maneira a solicitar dos pais tipos de colaboração compatíveis tanto com suas condições de vida quanto com seu nível de escolaridade;
- que a escola considere, estimule e promova a interação criança-criança, seja para a aprendizagem de conteúdos escolares, seja para a aprendizagem de comportamentos sociais, seja para a formação de vínculos afetivos com a escola;
- que sejam avaliados os efeitos produzidos pelos cursos de capacitação de professores e diretores já realizados;
- que continuem a ser promovidos cursos de capacitação, a partir de necessidades apontadas pelas escolas, de peculiaridades da comunidade e da necessidade de maior integração escola-família;
- que os cursos de capacitação incluam período(s) de acompanhamento dos professores, em serviço, para que tenham maior impacto sobre a prática cotidiana da sala de aula;

- que seja ampliado o atendimento pré-escolar, reivindicação explícita das famílias e implícita das crianças e jovens;
- que seja ampliado o número de vagas nas escolas públicas, na perspectiva da universalização do ensino fundamental e da ampliação do atendimento nos outros níveis;
 - que o número de alunos por turma seja definido a partir de critérios pedagógicos;
 - que seja racionalizado o processo de matrícula para assegurar a proximidade escola-moradia e facilitar a relação escola-família;
- que a exigência de fardamento escolar só ocorra quando houver a possibilidade de distribuição gratuita aos alunos que não podem adquiri-lo;
- que o material escolar seja distribuído gratuitamente e no início do ano letivo;
- que se assegure a regularidade na distribuição de merenda escolar de boa qualidade;
- que as escolas sejam recuperadas e equipadas com bibliotecas e recursos didáticos atualizados;
 - que as escolas possam trabalhar com autonomia financeira, administrativa e pedagógica, de forma a adaptar o trabalho às condições locais — calendários, conteúdos, manutenção;
 - que se implementem medidas efetivas de valorização do magistério — salário e condições de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do discurso: fundamentos semióticos.— São Paulo: Atual, 1988.
- CAMPOS, Maria Malta. As lutas sociais e a educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.79, p.56-74, nov. 1991.
- CAMPOS, Rogério Cunha. *A luta dos trabalhadores pela escola*.— São Paulo: Loyola, 1989.
- CORNBLETH, Catherine. Para além do currículo oculto? *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n.5, p.55-65, 1992.
- DEBEAUVAIS, Michel. National educational research policies: a world survey. *Higher Education Policy*, v.3, n.4, p.57-58, 1990.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*.— São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura*. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.— Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 208 p.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Censo Geral de 1991*. [s.n.t.]
- GIROUX, Henri A. e McLAREN, Peter (eds.) *Between borders: pedagogy and the politics of cultural studies*.— New York: Routledge, 1994. 280 p.
- GRIGNON, Claude. A escola e as culturas populares: pedagogias legitimistas e pedagogias relativistas. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n.5, p.50-54, 1992.
- HARBISON, Ralph W. e HANUSHEK, Eric A. *Educational performance of the poor: Lessons from rural Northeast Brazil*.— Washington: The International Bank for Reconstruction and Development, 1992.
- MAGALHÃES, Adélia Luiza Portela de. *Movimentos populares: a escola comunitária e a cidadania*.— Salvador: OEA, UFBA, EGBA, 1990. 178 p.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*.— Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PROJETO UNDERSTANDING why schools fail children in the Northeast of Brasil. A World Bank Primary Education Sector Study Initiating Paper. Draft 2.1: Nov. 15, 1995.
- RIBEIRO, Sérgio Costa. A educação e a inserção do Brasil na modernidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: n.84, p.63-82, fev. 1993.
- SPÓ SITO, Marília Pontes. Os movimentos populares e a luta pela expansão do ensino público. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.45, p.25-38, mai. 1983.
- TEDESCO, Juan Carlos e AMADIO, Massimo. In Innovation. *Journal of International Bureau of Education*, Geneva, n.83, p.1-12, jun. 1995.

UNICEF/CBIA. Bahia: Suas crianças e adolescentes. O que está acontecendo? — [s.l.]:1991.

VERHINE, Robert e MELLO, A.M. *Causes of school failure: the case of the state of Bahia in Brazil. Prospects*, v.XVIII, n.4, p.558-568, 1988.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 Número de entrevistas
- Tabela 2 Número de adultos entrevistados, por faixa etária
- Tabela 3 Número de crianças / jovens, por faixa etária
- Tabela 4 Distribuição dos entrevistados, segundo o sexo
- Tabela 5 Distribuição dos entrevistados, segundo a cor da pele
- Tabela 6 Distribuição dos entrevistados, segundo o estado civil
- Tabela 7 Distribuição dos entrevistados, segundo a posição na família
- Tabela 8 Distribuição dos entrevistados, segundo tempo de estrutura familiar
- Tabela 9 Distribuição dos adultos da comunidade, segundo o número de filhos
- Tabela 10 Distribuição dos entrevistados, segundo o número de moradores por domicílio
- Tabela 11 Distribuição dos entrevistados, segundo a renda familiar aproximada
- Tabela 12 Distribuição dos entrevistados, segundo a prática religiosa
- Tabela 13 Distribuição dos entrevistados, segundo o local de procedência
- Tabela 14 Distribuição dos entrevistados, segundo o tempo em que residem no local
- Tabela 15 Distribuição dos entrevistados, segundo a escolaridade do pai ou responsável
- Tabela 16 Adultos da comunidade, segundo a escolaridade
- Tabela 17 Adultos da comunidade, segundo a ocupação
- Tabela 18 Fontes de informação dos entrevistados
- Tabela 19 Participação dos entrevistados em grupo(s) organizado(s) da comunidade
- Tabela 20 Distribuição dos adultos da comunidade, segundo sua maior preocupação
- Tabela 21 Distribuição dos adultos da comunidade, segundo seu maior sonho
- Tabela 22 Crianças / jovens, segundo sua própria ocupação
- Tabela 23 Distribuição das crianças / jovens, segundo a ocupação do pai ou responsável
- Tabela 24 Distribuição das crianças / jovens, segundo sua maior preocupação
- Tabela 25 Distribuição das crianças / jovens, segundo seu maior sonho
- Tabela 26 Profissionais da escola, segundo a função que exercem
- Tabela 27 Profissionais da escola, segundo o tempo de serviço
- Tabela 28 Profissionais da escola, segundo o tempo em que trabalham na escola
- Tabela 29 Profissionais da escola, segundo o grau de formação

Tabela V1	Função da escola, segundo os adultos da comunidade
Tabela V2	Respostas dos adultos da comunidade sobre como seria sua vida hoje, se tivessem estudado
Tabela V3	Respostas dos adultos da comunidade sobre como seria a própria vida, se voltassem a estudar
Tabela V 4	Respostas dos adultos da comunidade sobre onde se aprende mais
Tabela V 5	Expectativas dos adultos em relação à escolaridade dos filhos
Tabela V 6	Respostas dos adultos da comunidade sobre quem acompanha a vida escolar dos filhos
Tabela V 7	Funções da escola segundo as crianças e jovens
Tabela V 8	Respostas das crianças / jovens sobre sua vontade de sair da escola
Tabela V 9	Respostas das crianças / jovens sobre onde se aprende mais
Tabela V10	Expectativas das crianças/jovens em relação à sua própria escolaridade
Tabela V11	Função da escola, segundo os profissionais da escola
Tabela V12	Em que medida a escola vem cumprindo seu papel, segundo os profissionais da escola.
Tabela V13	O significado da escola para pais e alunos, segundo os profissionais da escola
Tabela V14	- O significado da escola em que trabalham para a comunidade local, segundo os profissionais da e
Tabela V15	- Distância-proximidade entre escola/criança/famílias, segundo os profissionais da escola
Tabela Q1	- Resposta dos adultos da comunidade sobre o que é uma boa escola
Tabela Q2	Respostas dos adultos da comunidade sobre aspectos positivos da escola do passado e da escola de hoje
Tabela Q3	Respostas dos adultos da comunidade sobre as principais deficiências da escola de hoje
Tabela Q4	Agentes responsáveis pela melhoria da escola, segundo os adultos da comunidade
Tabela Q5	Respostas das crianças e jovens sobre o que é uma boa escola
Tabela Q6	Respostas das crianças e jovens sobre as deficiências da escola
Tabela Q7	Respostas das crianças e jovens sobre os aspectos positivos da escola
Tabela B 1	Respostas dos adultos da comunidade sobre barreiras à escolarização
Tabela B 2	Respostas das crianças e jovens sobre barreiras à escolarização
Tabela B 3	Respostas dos profissionais da escola sobre barreiras à escolarização
Tabela T 1	Relação estudo-trabalho, segundo as crianças e jovens entrevistados

Tabela 1 — Número de entrevistas

Município	Adultos da comunidade		Crianças da comunidade		Profissionais da escola		Total
	Pais e mães	Lideranças	Que estão na escola	Que abandonaram os estudos	Professores	Diretores	
Salvador	8	4	5	5	6	3	31
Itabuna	8	4	5	5	6	3	31
Total	16	8	10	10	12	6	62

Tabela 2 — Número de adultos entrevistados, por faixa etária

Faixa etária	Profissionais da escola		Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até 25 anos	—	—	—	1	1
26 a 35 anos	6	5	2	1	14
36 a 45 anos	3	2	4	4	13
46 a 55 anos	—	3	3	2	8
56 a 65 anos	1	1	—	—	2
Mais de 65 anos	2	1	—	1	4
Total	12	12	9	9	42

Tabela 3 — Número de crianças / jovens por faixa etária

Faixa etária	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até 10 anos	—	—	—	—	—
11 a 15	3	5	4	2	14
16 a 20	2	—	1	3	6
Total	5	5	5	5	20

Tabela 4 — Distribuição dos entrevistados, segundo o sexo

Sexo	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Masculino	8	5	8	7	—	—	28
Feminino	4	7	2	3	9	9	34
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 5 — Distribuição dos entrevistados, segundo a cor da pele

Cor	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Branca	4	2	2	—	5	3	16
Parda	4	7	4	4	3	4	26
Preta	4	3	4	6	1	2	20
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 6 — Distribuição dos entrevistados, segundo o estado civil

Estado civil	Adultos da comunidade		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Solteiro	2	3	3	5	13
Casado	10	9	3	4	26
Separado	—	—	3	—	3
Total	12	12	9	9	42

Tabela 7 — Distribuição dos entrevistados, segundo a posição na família

Posição na família	Adultos da comunidade		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Chefe	8	8	4	3	23
Cônjuge parceiro(a)	3	4	3	3	13
Filho (a)	1	—	2	3	6
Total	12	12	9	9	42

Tabela 8 — Distribuição dos entrevistados, segundo o tipo de estrutura familiar

Estrutura familiar	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Nuclear (pai + mãe + filhos)	10	9	4	7	3	8	41
Só mãe + filhos	2	2	1	1	3	—	9
Só pai + filhos	—	—	—	2	—	—	2
Extensa (nuclear + parentes)	—	—	4	—	1	1	7
Composta(nuclear + não parentes)	—	—	1	—	—	—	1
Outra	—	—	—	—	2	—	2
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 9 — Distribuição dos adultos da comunidade, segundo o número de filhos

Número de filhos	Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	
Nenhum	1	1	2
Só um	1	1	2
2 ou 3	4	3	7
4 ou 5	2	4	6
6 a 8	3	2	5
Mais de 8	1	2	3
Total	12	12	24

Tabela 10 — Distribuição dos entrevistados, segundo o número de moradores por domicílio

Número de moradores	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até 3	1	2	1	2	5	4	15
4 ou 5	4	3	4	3	3	1	18
6 a 8	6	6	5	4	1	3	25
9 ou 10	1	-	-	1	-	-	2
Mais de 10	-	-	-	1	-	1	2
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 11 — Distribuição dos entrevistados, segundo a renda familiar aproximada

Renda familiar em SM	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até 1	1	2	1	4	-	-	8
+ 1 até 2	1	3	3	2	-	-	9
+ 2 até 3	1	2	1	1	1	-	6
+ 3 até 5	6	4	3	2	3	1	19
+ 5 até 10	2	1	-	-	7	3	13
Mais de 10	1	-	-	-	2	2	5
Não informou	-	-	2	1	-	-	3
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 12 — Distribuição dos entrevistados, segundo a prática religiosa

Prática religiosa	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Católica	9	10	2	4	4	8	37
Evangélica	1	2	1	2	1	1	8
Espírita	-	-	-	-	3	-	3
Outra	1	-	-	-	-	-	1
Nenhuma	1	-	7	4	1	-	13
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 13 — Distribuição dos entrevistados, segundo o local de procedência

Procedência	Adultos de comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Salvador	1	-	7	-	5	-	13
Itabuna	-	1	-	4	-	6	11
Outra cidade	2	5	-	2	3	2	14
Zona rural	7	5	3	4	-	-	19
Outros estados	2	1	-	-	1	1	5
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 14 — Distribuição dos entrevistados, segundo o tempo que residem no local

Procedência	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até 2 anos	-	-	1	1	-	-	2
+ 2 até 5 anos	-	2	2	5	1	-	10
+ 5 até 10 anos	-	3	1	1	4	-	9
+ de 10 anos	12	7	6	3	4	9	41
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 15 — Distribuição dos entrevistados, segundo a escolaridade do pai ou responsável

Escolaridade	Adultos da comunidade		Crianças e jovens		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Nunca estudou	6	5	7	3	1	1	23
Freqüentou até a 3ª série	1	4	1	3	-	3	12
Concluiu a 4ª série	3	2	-	2	4	1	12
Parou entre a 5ª e a 8ª série	1	-	-	1	1	1	4
Concluiu o 1º grau	-	1	-	-	-	-	1
Iniciou o 2º grau	-	-	-	-	-	-	-
Concluiu o 2º grau	-	-	-	-	1	2	4
Nível superior	-	-	-	-	2	-	2
Sem informação	1	-	2	-	-	1	4
Total	12	12	10	10	9	9	62

Tabela 16 — Adultos da comunidade, segundo a sua escolaridade

Escolaridade	Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	
Nunca estudou	1	4	5
Frequêntou até a 3ª série	3	3	6
Concluiu a 4ª série	4	1	5
Parou entre a 5ª e a 8ª série	-	-	-
Concluiu o 1º grau	3	1	4
Iniciou o 2º grau	-	-	-
Concluiu o 2º grau	1	3	4
Nível superior	-	-	-
Total	12	12	24

Tabela 17 — Adultos da comunidade, segundo a ocupação

Ocupação	Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	
Desempregado	1	-	1
Prendas domésticas	1	2	3
Aposentado	2	2	4
Doméstica (lavadeira e arrumadeira)	1	1	2
Segurança (vigia, servente, policial militar)	1	2	3
Trabalho manual (artesão, marceneiro, cabeleireiro)	2	1	3
Operário	1	-	1
Serviços de escritório	-	1	1
Autônomo (comerciante, proprietário)	3	-	3
Professora	-	2	2
Administrador rural	-	1	1
Total	12	12	24

Tabela 18 — Fontes de informação dos entrevistados

Fontes	Adultos da comunidade		Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Noticiários/TV	11	10	9	9	39
Jornais/ revistas	7	6	9	9	31
Rádio	6	10	4	7	27
Total	24	26	22	25	97

Nº de respostas — 97

Nº de informantes — 42

Tabela 19 — Participação dos entrevistados em grupo(s) organizado(s) da comunidade

Participação em grupos	Adultos da comunidade	Crianças e jovens	Profissionais da escola

EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE

organizados	Salvador		Itabuna		Salvador		Itabuna		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Sim	4	5	-	3	2	1			15
Não	7	7	10	7	6	7			44
Às vezes	1	-	-	-	1	1			3
Total	12	12	10	10	9	9			62

Tabela 20 — Distribuição dos adultos da comunidade, segundo sua maior preocupação

Maior preocupação	Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	
Próprio futuro	1	-	1
Educação dos filhos	2	2	4
Futuro dos filhos	3	2	5
Sobrevivência (salário, emprego, moradia, sustento da família)	-	3	3
Agregação / bem-estar da família	4	4	8
Formação religiosa da família	1	1	2
Futuro do país	1	-	1
Total	12	12	24

Tabela 21 — Distribuição dos adultos da comunidade, segundo seu maior sonho

Maior sonho	Adultos da comunidade		Total
	Salvador	Itabuna	
Não tem	-	1	1
Moradia (comprar, reformar, ampliar, mudar-se)	3	4	7
Comprar uma fazenda	1	1	2
Ver os filhos formados	3	1	4
Ver os filhos criados	-	2	2
Afirmação profissional	3	1	4
Participação da família na Igreja	1	-	1
Ter um gravador	-	1	1
Encontrar Deus quando morrer	1	-	1
Viver num Brasil melhor	-	1	1
Total	2	12	24

Tabela 22 — Crianças / jovens, segundo sua própria ocupação

Ocupação	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Não trabalha	2	4	2	1	9
Guardador, lavador de carro	1	-	2	-	3
Jornaleiro	1	-	-	-	1
Vendedor de loja ou açougue					
Leiteiro	1	1	-	1	3
Biscateiro	-	-	1	-	1
Mecânico de carro	-	-	-	1	1
Zelador, frentista em posto de gasolina	-	-	-	2	2
Total	5	5	5	5	20

Tabela 23 — Distribuição das crianças / jovens, segundo a ocupação do pai ou responsável

Ocupação dos pais	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Pequeno comerciante	1	-	-	1	2
Trabalhador rural	1	2	-	2	5
Vendedor ambulante	1	-	-	-	1
Empregada doméstica ou diarista	1	1	1	-	3
Caminhoneiro	-	-	1	-	1
Vigilante	-	-	1	-	1
Pedreiro	-	1	-	1	2
Professora	-	1	-	-	1
Aposentado	-	-	2	1	3
Sem informação	1	-	-	-	1
Total	5	5	5	5	20

Tabela 24 — Distribuição das crianças / jovens, segundo sua maior preocupação

Maior preocupação	Crianças e jovens		Total
	Salvador	Itabuna	
Não tem preocupação	2	2	4
Estudar para ser alguém	1	-	1
Sobrevivência (salário, emprego, moradia, sustento da família)	5	1	6
Agregação / bem-estar da família	2	3	5
Fracasso na escola	-	3	3
Segurança / violência	-	1	1
Total	10	10	20

Tabela 25 — Distribuição da crianças / jovens, segundo seu maior sonho

Maior sonho	Crianças e jovens		Total
	Salvador	Itabuna	
Não tem	2	-	2
Moradia	3	2	5
Agregação familiar (morar com todos os irmãos, com a família)	2	1	3
Ser feliz	1	-	1
Continuar a estudar para ter futuro melhor	-	1	1
Ser caminhoneiro	-	1	1
Ser comerciante	1	-	1
Ser piloto da aeronáutica	-	1	1
Ser professor	-	2	2
Ser soldado da polícia	-	1	1
Ter bicicleta / carro	1	1	2
Total	10	10	20

Tabela 26 — Profissionais da escola, segundo a função que exercem

Função	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Professor de 1ª a 4ª série	4	6	10
Professor de 5ª a 8ª série	2	-	2
Diretor ou coordenador	3	3	6
Total	9	9	18

Tabela 27 — Profissionais da escola, segundo o tempo de serviço

Tempo de serviço	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Até 5 anos	-	1	1
6 a 10 anos	1	3	4
11 a 15 anos	1	-	1
16 a 20 anos	3	3	6
Mais de 20 anos	4	2	6
Total	9	9	18

Tabela 28 — Profissionais da escola, segundo o tempo em que trabalham na escola

Tempo de trabalho no bairro	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Até 1 ano	-	1	1
2 a 5 anos	3	1	4
6 a 9 anos	1	1	2
10 anos ou mais	5	6	11
Total	9	9	18

Tabela 29 — Profissionais da escola, segundo o grau de formação

Escolaridade	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
1º grau	-	-	-
2º grau	4	5	9
Cursando o 3º grau	1	1	2
3º grau — licenciatura	3	3	6
Pós-graduação/ especialização	1	-	1
Total	9	9	18

Tabela V 1 — Função da escola, segundo os adultos da comunidade

Função da escola	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Ascender socialmente encontrar trabalho melhor ter futuro garantido ter educação	4	3	6	4	17
Aprender ler entender escrever calcular falar corretamente, etc.	4	2	6	6	18
Outras funções formação social, cristã e profissional bom exemplo boas maneiras, respeito, caráter	3	3	4	6	16
Total	1	8	16	16	51

Nº de respostas — 51

Nº de informantes — 24

Tabela V 2 — Respostas dos adultos da comunidade sobre como seria sua vida hoje, se tivessem estudado

Como seria sua vida	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Seria bem melhor — teria emprego melhor — a vida seria mais fácil	4	4	8	8	24
Não mudaria	-	-	-	-	-
Total	4	4	8	8	24

Tabela V 3 — Respostas dos adultos da comunidade sobre como seria a própria vida, se voltassem a estudar

Como seria sua vida	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Mudaria	3	3	6	8	20
Não mudaria	-	-	-	-	-
Estuda atualmente	-	-	1	-	1
Só não estuda porque não tem mais idade	1	1	1	-	3
Total	4	4	8	8	24

Tabela V 4 — Respostas dos adultos da comunidade sobre onde se aprende mais

Onde se aprende mais	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Aprende-se mais na escola, mas aprende-se também em outros lugares (na família, Igreja, associação de moradores, na vida)	2	3	3	3	11
Aprende-se mais na escola e o que se aprende na escola não se aprende em outro lugar (aprendizagem sistematizada)	2	1	5	5	13
Total	4	4	8	8	24

Tabela V 5 — Expectativa dos adultos em relação à escolaridade dos filhos

Expectativa	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até a faculdade ou além dela	1	1	-	-	2
Até a faculdade	-	2	2	3	7
Até o 2º grau	1	-	3	1	5
Até o 1º grau completo	-	-	3	2	5
Até a 5ª ou 6ª série	-	-	-	2	2
Até quando puder	2	-	-	-	2
Nenhuma (os filhos já passaram da fase escolar)	-	1	-	-	1
Total	4	4	8	8	24

Tabela V 6 — Respostas dos adultos da comunidade sobre quem acompanha a vida escolar dos filhos

Quem acompanha	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
A mãe (comparece à escola, vai às reuniões ou ajuda nas lições até o limite do conhecimento)	-	1	4	3	8
O pai (comparece à escola, vai às reuniões e/ou ajuda nas lições até o limite do conhecimento)	-	-	2	2	4
A mãe e o pai e/ou irmãos mais velhos	3	-	1	1	5
Ninguém, por falta de condições	-	-	1	2	3
Não tem filhos na escola	-	1	-	-	1
Não informou	1	2	-	-	3
Total	4	4	8	8	24

Tabela V 7 — Funções da escola segundo as crianças e jovens

Funções da escola	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Ascender socialmente (encontrar trabalho melhor, ter futuro garantido, ter educação)	4	4	3	4	15
Aprender (ler, escrever, calcular, falar corretamente)	1	4	4	5	14
Outras funções (fazer amigos, brincar, merendar, ter responsabilidades, ter boas maneiras)	2	5	1	2	10
Total	7	13	8	11	39

N^o de respostas — 39
N^o de informantes — 20

Tabela V 8 — Respostas das crianças / jovens sobre sua vontade de sair da escola

Vontade de sair da escola	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Não, nunca	5	5	-	-	10
Não, mais foi necessário (para trabalhar, por gravidez, por não ter condições econômicas)	-	-	3	5	8
Não, mas saiu por que a escola era ruim	-	-	2	-	2
Total	5	5	5	5	20

Tabela V 9 — Respostas das crianças / jovens sobre onde se aprende mais

Onde se aprende mais	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Aprende-se mais na escola, mas aprende-se também em outros lugares (no trabalho, no mundo, na Igreja, TV, rádio, jornal)	4	5	1	3	13
Aprende-se mais na escola e o que se aprende na escola não se aprende em outro lugar (aprendizagem sistemática)	1	-	2	2	5
Aprende-se na escola, mas aprende-se mais fora dela (habilidades profissionais, conhecimentos práticos)	-	-	2	-	2
Total	5	5	5	5	20

TABELA V 10 — Expectativas das crianças/jovens em relação à sua própria escolaridade

Crianças e jovens

SÉRIE ESTUDOS

Expectativas	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Até a faculdade ou além dela	-	-	-	-	-
Até a faculdade	-	2	-	1	3
Até o 2º grau	1	2	1	1	5
Até o 1º grau	3	-	-	2	5
Até a 5ª ou a 6ª série	-	-	-	-	-
Até quando puder	1	1	-	-	2
Não sabe	-	-	4	1	5
Total	5	5	5	5	20

Tabela V 11 — Função da escola, segundo os profissionais da escola

Função da escola	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Ascender socialmente (encontrar trabalho melhor, ter futuro garantido, ter educação, boas maneiras)	5	3	8
Ensinar (ler, entender, escrever calcular, falar corretamente)	4	6	10
Outras funções (formar o caráter, aprimorar o aprendizado familiar, formar valores morais)	5	9	14
Total	14	18	32

Nº de informantes- 18

Nº de respostas — 32

Tabela V 12 — Em que medida a escola vem cumprindo seu papel segundo os profissionais da escola

Em que medida a escola vem cumprindo seu papel	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Vem cumprindo (a escola orienta os alunos sobre a vida, aprimora o aprendizado familiar e tem ampliado seu atendimento a crianças e adultos)	3	1	4
Vem cumprindo com falhas (faltam investimentos, reciclagem, salário melhor, prioridade política)	2	5	7
Não vem cumprindo (os professores ganham pouco, transmitem mal, não têm interesse pelo trabalho, faltam recursos, falta participação dos pais)	4	3	7
Total	9	9	18

Tabela V 13 — O significado da escola para pais e alunos, segundo os profissionais da escola

Significado da escola para pais e alunos	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
É importante (pode dar ascensão social, alternativas de sobrevivência, conhecimento, abrigo)	6	8	14
É importante, mas não para todos (irresponsabilidade, dos pais, evasão, não-realização dos deveres pelos alunos)	3	1	4

Total	9	9	18
--------------	----------	----------	-----------

Tabela V 14 — O significado da escola em que trabalham para a comunidade local, segundo os profissionais da escola

O significado da escola em que trabalham para a comunidade local	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
É importante, porque tem bons professores, vem ampliando seu papel na comunidade, é bem procurada pela família	5	8	13
É importante, porque ajuda as pessoas carentes da comunidade	2	-	2
É importante, mesmo que a maioria dos alunos venham de bairros vizinhos	1	-	1
Não é importante, porque sua clientela não vive no bairro da escola	1	1	2
Total	9	9	18

Tabela V 15 — Distância-proximidade entre escola/criança/famílias segundo os profissionais da escola

Distância / proximidade entre escola / criança / família	Profissionais da escola		Total
	Salvador	Itabuna	
Há proximidade (porque a comunidade usa espaço físico da escola para reuniões, trabalho, e como área de lazer)	1	3	4
Há proximidade (porque a família participa da vida escolar do aluno, respeita, valoriza a escola)	3	5	8
Há distância (porque a família só vem à escola quando solicitada, não mostra ou vem perdendo o interesse pela escola)	3	-	3
Há distância (porque a escola é longe do local de residência dos alunos)	2	1	3
Total	9	9	18

Tabela Q 1 — Resposta dos adultos da comunidade sobre o que é uma boa escola

Uma boa escola deve	Lideranças		Pais		Total
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Ter um bom funcionamento quanto a: — direção eficiente — segurança — disciplina — merenda — fiscalização do governo	2	2	8	4	16
Ser bem equipada quanto a: — instalações físicas — recursos materiais	3	1	-	1	5
Ter bons professores quanto a: — frequência às aulas — capacidade para ensinar — comprometimento com o trabalho — relação com os alunos	4	5	11	9	29
Ter professores bem remunerados	3	-	-	-	3

SÉRIE ESTUDOS

Ser próxima da moradia	-	-	-	3	3
Funcionar em tempo integral	-	-	1	-	1
Dar formação profissional e de caráter	-	-	-	2	2
Total	12	8	20	19	59
Nº de respostas —	59				
Nº de informantes —	24				

Tabela Q 2 — Respostas dos adultos da comunidade sobre aspectos positivos da escola do passado e da escola de hoje

Aspectos positivos	Adultos da comunidade				Total
	Lideranças		Pais		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
A escola de hoje é melhor em relação a:	1	3	3	7	14
— ensino, lições, estudo					
— relação professor-aluno					
— merenda					
— instalações					
— recursos materiais e humanos					
A escola do passado era melhor em relação a:	3	-	5	1	9
— disciplina (rigor)					
— ensino — aprendizagem					
— interesse / dedicação dos professores					
Não informou	-	1	-	-	1
Total	4	4	8	8	24

Tabela Q 3 — Respostas dos adultos da comunidade sobre as principais deficiências da escola de hoje

Principais deficiências	Adultos da comunidade				Total
	Lideranças		Pais		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Professores	1	1	3	1	6
— despreparados, não sabem ensinar,					
— exigem pouco, faltam muito					
— têm baixo salários					
Organização	-	1	3	3	7
— indisciplina					
— falta de limpeza					
— falta material escolar					
Instalações	2	2	2	1	7
— prédios e mobiliário mal conservados					
— espaço físico pequeno					
Não vê deficiências	1	1	4	4	10
Total	4	5	12	9	30

Nº de respostas — 30
 Nº de informantes — 24

Tabela Q 4 — Agentes responsáveis pela melhoria da escola, segundo os adultos da comunidade

Agentes	Adultos da comunidade				Total
	Lideranças		Pais		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
O governo	1	7	8	9	25
— pagando melhor o professor					
— fornecendo material e/ou farda					
— capacitando o professor					
— melhorando o ensino					
— destinando verbas para a educação					
— construindo, reformando e consertando os prédios					
Os pais	2	5	2	5	14
— envolvendo-se com o trabalho da escola					
— incentivando e acompanhando os filhos					
— ajudando na limpeza					
— fazendo mutirões					
— participando de reuniões					
O governo em ação com os pais, a associação de moradores e/ou a Igreja	2	-	6	2	10
Total	5	12	16	16	49

Nº de respostas — 24
 Nº de informantes — 49

Tabela Q 5 — Respostas das crianças e jovens sobre o que é uma boa escola

Uma boa escola deve	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Ter boa direção, organização, disciplina e/ou limpeza	4	-	4	3	11
Ter boas instalações e condições materiais	1	4	-	2	7
Ter bons professores/professores pacientes	1	3	3	1	8
Ensinar a ler, escrever, conversar e calcular	1	1	1	2	5
Ter bons colegas/muitos amigos	1	1	2	-	4
Ajudar a encontrar trabalho	-	1	2	2	5
Total	8	10	12	10	40

Nº de respostas — 40

Nº de informantes — 20

Tabela Q 6 — Respostas das crianças e jovens sobre as deficiências da escola

Deficiências	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Instalações, espaço físico, equipamentos e/ou condições materiais	3	4	-	-	7
Organização e/ou segurança	3	3	2	-	8
Professores	1	-	1	1	3
Uso de castigos e/ou críticas	-	-	1	5	6
Deveres difíceis e/ou provas	1	-	1	2	4
Merenda	1	-	-	-	1
Colegas que faltam a aula	1	-	-	-	1
Total	10	7	5	8	30

Nº de respostas — 30

Nº de informantes — 20

Tabela Q7 — Respostas das crianças e jovens sobre os aspectos positivos da escola

Aspectos positivos	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
Conhecer pessoas / ter colegas ter amigos	2	3	3	1	9
Ter recreio	2	-	1	-	3
Instalações e condições materiais (pátio, banheiro, livros)	2	1	-	-	3
Ensino, aulas, estudo, professores bons	6	7	3	4	20
Merenda	1	-	1	-	2
Diretora boa	-	1	2	1	4
Total	13	12	10	6	41

N^o de repostas — 41

N^o de informantes — 20

Tabela B 1 — Respostas dos adultos da comunidade sobre barreiras à escolarização

Barreiras à escolarização	Adultos da comunidade				Total
	Lideranças		Pais		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
De natureza pessoal	2	3	4	2	11
— casamento precoce e filhos					
— desinteresse do aluno					
— falta de inteligência do aluno					
De natureza familiar	4	7	8	11	30
— desinteresse e/ou ignorância dos pais					
— alcoolismo dos pais					
— violência familiar (espancamento dos filhos)					
De natureza econômica (por parte dos pais)	9	6	14	16	45
— custo do material escolar, uniforme, transporte					
— baixa renda familiar					
— desemprego dos pais					
— trabalho precoce dos filhos					
De natureza social	2	1	1	2	6
— violência urbana					
— migração e rotatividade de local de moradia					
De natureza escolar	12	3	11	5	31
— falta de escolas e/ou vagas					
— escolas distantes do local de moradia					
— despreparo do professor para lidar com a clientela					
— não-atendimento da escola às solicitações e reclamações dos pais					
— número insuficiente de professores					
— falta de remuneração adequada dos professores					
— dificuldade da criança com a leitura					
— falta de interesse e investimento na educação					
Total	29	20	38	36	123

N^o de repostas — 123

N^o de informantes — 24

Tabela B 2 — Respostas das crianças e jovens sobre barreiras à escolarização

Barreiras	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
De natureza pessoal	5	4	10	5	24
— falta de interesse pelo estudo					
— falta de inteligência					
— falta de responsabilidade					
— despreparo para enfrentar a 1ª série					
— casamento precoce					
De natureza familiar	6	2	5	4	17
— desinteresse dos pais pela escola					
— desagregação da família					
— alcoolismo dos pais					
De natureza sócio-econômica, falta de recursos para:	4	4	5	3	16
— alimentação					
— transporte					
— material escolar					
— necessidade de trabalhar					
De natureza escolar	1	1	2	2	6
— falta de escola próxima do local de moradia					
— distanciamento da escola em relação à família					
Total	16	11	22	14	63

Nº de informantes — 20

Nº de respostas — 63

Tabela B 3 — Respostas dos profissionais da escola sobre barreiras à escolarização

Barreiras à escolarização	Profissionais da Escola		Total
	Salvador	Itabuna	
De natureza sócio-econômica	12	14	26
— pobreza, falta de condições econômicas			
— migração, rotatividade			
— trabalho precoce			
De natureza familiar	8	6	14
— desinteresse dos pais pela escola			
— desagregação / alcoolismo			
— falta de tempo ou condições para o acompanhamento do aluno			
— matrícula tardia dos filhos			
De natureza pessoal	3	9	12
— desinteresse pela escola			
— resistência às orientações da escola			
— agressividade			
— descrença na utilidade da escola para o trabalho			
De natureza escolar	24	20	44
— inadequação do calendário escolar às características da região			
— falta de vagas para matrícula			
— salas superlotadas			
— falta de autonomia pedagógica e financeira da escola			
— distância escola-residência			
— inadequação / precariedade das instalações físicas			
— falta de material didático			
— deficiência na integração escola-família			
— baixa remuneração, despreparo e carga horária excessiva dos professores			
— falta de comprometimento do professor com a escola			
— falta de pessoal especializado			
— exigência de farda e livros aos alunos			
— inadequação do ensino às características dos alunos			
— inexistência de classes de alfabetização ou despreparo dos professores de 1ª série			
Total	47	49	96

Nº de respostas — 96

Nº de informantes — 18

Tabela T 1 — Relação estudo-trabalho, segundo as crianças e jovens entrevistados

Relação Estudo — Trabalho	Crianças e jovens				Total
	Que estão na escola		Que abandonaram os estudos		
	Salvador	Itabuna	Salvador	Itabuna	
O trabalho depende do estudo	2	5	2	4	13
O trabalho depende parcialmente do estudo	3	-	2	-	5
O trabalho não depende do estudo	-	-	1	1	2
Total	5	5	5	5	20

INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA ENTREVISTADORES

APRESENTAÇÃO

- Apresentar-se como pessoa: “Meu nome é...”, “sou pesquisador...”
- Dizer “a que veio”, esclarecendo as finalidades da pesquisa:
Ex: “Estamos trabalhando para uma instituição, CENPEC, que se dedica a estudar a educação e a escola no Brasil (mostrar carta mais identidade). Estamos ouvindo um pouco de cada grupo: mulheres, homens, jovens, pessoal da escola; vamos juntar tudo o que as pessoas disserem sobre a escola, mais o que o Sr. vai dizer, na tentativa de melhorar as escolas. Por isso, tudo o que o Sr. disser interessa para muita gente. Não se preocupe, porque no final o nome das pessoas e das escolas não vão aparecer”.
- Justificar folha e lápis na mão e roteiro:
Ex: “Como vamos conversar com muita gente, e tudo o que elas disserem é importante, fica difícil guardarmos tudo ‘na cabeça’, por isso vamos escrevendo algumas coisas para podermos lembrar melhor”.

CONVERSA INICIAL

Começar a conversa com temas simples, às vezes impessoais: — “Faz tempo que o Sr. mora aqui?” Fazer comentários que tenham a ver com o local, que despertem a curiosidade de quem é de fora.

CUIDADOS DURANTE A ENTREVISTA

1. A escolha de alguém para ser entrevistado nem sempre recai na pessoa em condições de responder. Quando isto ocorrer, ter o cuidado de encerrar a conversa com delicadeza, registrando os motivos do insucesso da entrevista.
2. Ficar atento para a contaminação das respostas: fixar a atenção no entrevistado principal, lembrando que é sempre o ponto de vista do entrevistado que interessa. No caso de casal, focalizar um dos dois e perguntar sempre primeiro para o focalizado.
3. Tomar cuidado para não emitir juízos de valor durante a entrevista. Os valores do entrevistado é que interessam (não usar adjetivos do tipo bom ou ruim, etc.); quando o entrevistado usar determinado qualificativo, perguntar: (p.ex.) — “Por que (tal coisa) é ruim?”.
4. Lembrar que a entrevista é uma conversa aberta, mas limitada por um objetivo. Existe uma “agenda oculta” que direciona o rumo da conversa.
5. Criar um clima de empatia: conduzir informalmente, ser calmo, com voz controlada. Não forçar as coisas.
6. O entrevistador precisa suportar os silêncios. Não induzir respostas. Diante de respostas vagas ou “não sei”, tentar ajudar o entrevistado. Pode ser que o entre-

vistado nunca tenha pensado antes na questão e precise de uma ajuda para organizar o pensamento e dar uma opinião.

7. Estar atento às fantasias e temores dos entrevistados: algumas vezes o entrevistado pode imaginar que o entrevistador mantém vínculos com alguma instituição ou pessoa que poderia prejudicá-lo.
8. Estar atento ao possível sentimento de ilegitimidade por parte do entrevistado, dada sua condição de pobreza e baixa escolaridade. Reforçar sempre a importância da opinião do entrevistado.
9. Muitas vezes o entrevistado, para se colocar no mesmo nível de linguagem do entrevistador, passa a responder por meio de um amontoado de palavras difíceis que não fazem sentido. É preciso retomar a investigação, com linguagem mais adequada, mantendo sempre um clima de conversa — como se fosse “entre amigos”.
10. Cuidado para não subestimar o entrevistado.

OBS: Não esquecer de registrar a entrevista logo após sua conclusão, com o registro das circunstâncias em que foi feita (como chegou até ele, inclusive, para os casos em que aconteceu durante a entrevista...). Isso vale também para os casos em que a entrevista não deslanchar (porque o entrevistado se recusou a falar, deu uma desculpa, etc.).

NO CASO DE JOVENS (OU PAIS DE JOVENS) QUE ABANDONARAM
A ESCOLA, OU MESMO DE COMENTÁRIOS
NEGATIVOS EM RELAÇÃO À ESCOLA

Verificar (sem induzir) se mencionam a importância que atribuem a algum dos seguintes itens:

Possíveis razões para descontentamento/desistência da escola:

- distância da casa à escola (ou inexistência de escola na região);
- escola não tem a série que freqüentaria;
- escola em mau estado, falta de manutenção;
- escola não tem pátio / espaço de lazer bem cuidado;
- na escola não há água potável;
- a escola não fornece merenda / merenda não é boa;
- escola exige uniforme (avental/farda) e ele não tem uniforme;
- acha (ou o filho acha) a escola desinteressante, entediante;
- acha (ou o filho acha) a escola / as matérias dadas difíceis demais;
- acha (ou o filho acha) a professora muito severa;
- a professora disse que não teria condições de terminar o ano;
- as professoras são inadequadas, mal-formadas;
- decidiu (ou os pais decidiram) que o filho teria que ajudar em tarefas domésticas.

CONTROLE DOS ENTREVISTADOS (ENTREVISTADOR 2)

Entrevistador2: _____

Município: _____ Estado: _____

Entrevistado	Nome
Pai (adulto da comunidade) 1	
Pai (adulto da comunidade) 2	
Mãe (adulto da comunidade) 1	
Mãe (adulto da comunidade) 2	
Liderança 1	
Liderança 2	
Liderança 3	
Criança / jovem (12-18 anos)	
fora da escola 1	
fora da escola 2	
fora da escola 3	
estudando 1	
estudando 2	
estudando 3	
Diretor de escola	
Professor de 1ª a 4ª 1	
Professor de 1ª a 4ª 2	
Professor de 5ª a 8ª	

**Roteiro de Entrevista 1:
Com Adultos da Comunidade**

1. DADOS PESSOAIS

- idade
- anotar sexo e cor
- trabalho atual (o que faz / quanto tempo)
- (se *desempregado*) como ganha a vida?
- escolaridade (completou que série / curso)

2. CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIAR

- vive com quem? (*estado civil*)
- posição na família (chefe / parceiro / filho / parente / agregado)
- nº de filhos, idades
- quantas pessoas moram na casa, contando com você? (*tipo de família*)
- o que fazem? (*quadro IV, atividade dos residentes no domicílio*)
- a soma de todo mundo que trabalha dá quanto? (*renda familiar estimada*)
- em relação a sua família, qual a sua maior preocupação?
- e o maior sonho?

3. CONDIÇÕES DE VIDA SOCIAL

- origem

- há quanto tempo vive aqui?
- onde passou a infância e a juventude?
- que faziam (ocupação) seu pai / sua mãe / quem o criou?
- tinham (*têm, se forem vivos*) algum estudo? qual?

- vida comunitária

- frequenta alguma igreja, culto, centro espírita? com que frequência?
- sabe se o lugar tem grupos como associação de moradores, de igreja, etc.?
- participa de algum grupo, associação — fazendo o quê?
- o que faz quando não trabalha (fim-de-semana)

- informação

- ouve rádio? vê TV? o quê? ouve noticiário?
- como fica sabendo das coisas? que assunto conversa com amigos / vizinhos?
- lê jornal? o que mais lê? (*só perguntar se não for analfabeto*)

4. VALORES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR

⇨ *Verificar qual a importância, prioridade, relevância que dá à escola:*

- para que serve a escola? A gente precisa de escola? ou
 - você acha que a escola é importante? por quê?
 - o que a gente aprende lá, aprende em outro lugar?
- ⇨ *Se só tiver mencionado "leitura e contas", ler e escrever, perguntar:*
- além de ler e escrever, acha que a gente aprende outras coisas na escola? o quê?
(prosseguir) — onde a gente aprende mais: na escola ou fora dela?
 - a gente aprende alguma coisa importante em outro lugar? (sindicatos, associação de moradores, igreja, TV...) o quê?
 - se você tivesse estudado mais, sua vida seria diferente?
 - se você pudesse voltar a estudar, sua vida iria mudar?
 - as crianças pequenas precisam ir para a escola?
 - e os jovens? os meninos? as meninas?
 - seus filhos estão todos na escola? por quê? (⇨ *se não, ver cada caso*).
 - acontece de não quererem ir para a escola? o que você faz quando não querem ir para a escola?
 - até que ano você acha importante que seus filhos estudem? (*se só até a 8ª série*;) é suficiente?
 - você sabe se eles vão bem na escola? como? ajuda nas lições de casa?

5. QUALIDADE

⇨ *Verificar percepções sobre a qualidade da escola pública (ideal, real e melhoria)*

- você pode imaginar como seria uma escola boa? como ela seria?
 - esta escola de hoje está sendo boa para seus filhos? por quê?
- ⇨ *Ver cada caso: as crianças menores, meninas x meninos, jovens.*
- você conhece o pessoal da escola? tem Conselho na escola? conhece quem é do Conselho?
 - a escola pede sua ajuda? quando? para quê?
 - o que ela tem de bom?
- ⇨ *Deixar o entrevistado falar livremente; se os itens abaixo não forem citados, investigar melhor cada um:*
- professor, ensino, lições, instalações, horário, vaga, exigências de material, uniforme, problema de vaga?
 - o que a escola tem de ruim? problemas sérios? (droga, violência...)
 - você acha que na escola seus filhos vão encontrar más companhias?
 - seus filhos gostam da escola? acham que ela é boa?
 - a escola do seu tempo era melhor/pior? por quê?
 - você acha que a escola de hoje tem que melhorar? vai demorar quanto tempo?
 - você acha que os pais podem ajudar a escola a melhorar? como?
 - quem mais pode ajudar a escola a melhorar? como? (governo, associação...)

6. BARREIRAS (SOCIAIS, ECONÔMICAS, PEDAGÓGICAS)

- ⇨ *Verificar dificuldades que o entrevistado enfrentou em sua escolaridade, que os filhos estejam enfrentando*
- era difícil no seu tempo?
 - seu pai (mãe) obrigava você a ir à escola? como?
 - você faltava muito? por quê?
 - deixou de estudar por um tempo? quanto? por quê?
 - se deixou, porque não continuou?
 - você repetiu de ano quando estudava? quantas vezes? por quê?
 - é difícil, o adulto voltar a estudar? por quê?
 - quais as dificuldades que você teve para colocar seus filhos na escola? (⇨ *verificar, para cada filho, as diferentes barreiras*)
 - está sendo difícil fazer seus filhos estudarem? a chegarem até a 8ª série? que tipo de dificuldade enfrentam?
 - você obriga seus filhos a irem a escola?
 - dá para trabalhar e estudar ao mesmo tempo? por quê?
 - e seus filhos já repetiram ou deixaram de estudar? (⇨ *verificar cada filho, por que motivos*)
 - a escola (diretora ou professores) chama você para conversar? recebe você quando quer reclamar, dar uma opinião? o pessoal atende às suas reclamações?
 - você acha que hoje em dia ainda tem criança que não vai à escola? por quê?
 - o que você acha que é preciso ser feito para que todas as crianças possam estudar bem?

Quadro 1

Nº: _____ Entrevistador: _____ Município: _____

Nome do/a entrevistada/a: _____ Estado: _____

I CARACTERIZAÇÃO (de adulto/a da comunidade)**1. IDADE**

- até 25 de 46 a 55 de 26 a 35
 de 56 a 65 de 36 a 45 mais de 65

2. SEXO

- masculino feminino

3. ESTÁ TRABALHANDO?

- sim não

4. OCUPAÇÃO:

5. COR

- branca parda preta amarela

6. ESCOLARIDADE**10. NÚMERO DE FILHOS**

- nenhum só um 2 ou 3
 4 a 5 6 a 8 + de 8

11. TOTAL DE MORADORES NO DOMICÍLIO

- até 3 pessoas
 4 ou 5 pessoas
 6 a 8 pessoas

12. RENDA FAMILIAR APROXIMADA

- até 1 sal.-mínimo + 3 até 5
 + 1 até 2 + 5 até 10
 + 2 até 3 + 10 SM

- nunca estudou freqüentou até a 3ª série
 completou 4ª série parou entre a 5ª e a 8ª
 completou 1º grau iniciou 2º grau
 completou 2º grau

outra: _____

II FAMÍLIA

7. ESTADO CIVIL

- solteiro/a separado/a
 casado/a viúvo/a

8. POSIÇÃO NA FAMÍLIA

- chefe filho/a outra
 parceiro/a parente

9. TIPO DE FAMÍLIA (quando solteiro/a)

- nuclear compl. (pai + mãe + filhos)
 só pai + filhos só mãe + filhos
 extensa (nuclear + parentes)
 composta (nuclear + não parente)

outro: _____

10. NÚMERO DE FILHOS

- nenhum só um
 2 ou 3 4 a 5 6 a 8 + de 8

11. TOTAL DE MORADORES NO DOMICÍLIO

- até 3 pessoas 4 ou 5 pessoas
 6 a 8 pessoas 9 ou 10 pessoas
 mais de 10 pessoas

13. MAIOR PREOCUPAÇÃO

14. MAIOR SONHO

III VIDA SOCIAL

15. CIDADE / ESTADO DE ORIGEM

16. TEMPO QUE VIVE NO LOCAL

- até 2 anos + 2 a 5
 + 5 a 10 + 10

17. ESCOLARIDADE DOS PAIS ou de quem criou

- nunca estudou
 freqüentou até a 3ª série
 completou 4ª série
 parou entre a 5ª e a 8ª
 completou 1º grau
 iniciou 2º grau
 completou 2º grau

outra: _____

**Roteiro De Entrevista 2:
Com Crianças / Jovens**

1. DADOS PESSOAIS

- idade
(⇔ *sexo e cor, anotar*)
- escolaridade (série em que está, ou a que concluiu e por que não continuou os estudos)
- trabalho (o que faz / quanto ganha?)
(⇔ *se trabalha:*) começou a trabalhar com quantos anos? até hoje, em que já trabalhou? como arruma trabalho?
(⇔ *se trabalha e estuda:*) como consegue fazer as duas coisas? vai bem nas duas?

2. CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIAR

- vive com quem? (*estado civil*)
- quantas pessoas moram na casa, inclusive você? (*posição na família, tipo de família*)
- alguém fica em casa durante o dia?
- todos trabalham? sabe quanto todo mundo junto ganha? (*renda familiar estimada*)
- em relação a sua família (ou sua vida), qual é sua maior preocupação?
- qual é seu maior sonho? seu maior desejo?

3. CONDIÇÕES DE VIDA SOCIAL

- origem

- há quanto tempo vive aqui? (*caso não seja nativo do lugar*) local / cidade em que viveu quando era criança
- trabalho e estudo dos pais / de quem está criando?

- vida comunitária

- o que as pessoas da sua idade costumam fazer aqui (na cidade, no bairro)?
- durante o dia, você:
(⇔ *se estuda e/ou trabalha*) — quando não está estudando ou
- quando não está trabalhando
- e à noite? nos fins de semana?
- você fica só por aqui ou sai do bairro/cidade? quando? para quê?
- com quem?
- quando você tem um problema, quem ajuda você? (problema de escola, de saúde, de trabalho, de namorado...)
- frequenta alguma igreja, culto?
- como você fica sabendo das coisas? na escola? no bairro? vê TV?

4. VALORES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR

⇔ *Verificar qual a importância, prioridade, relevância que dá à escola:*

- para que serve a escola? a gente precisa de escola?
- você acha importante ir à escola? por quê?
- (*caso estude*): — por que você vai à escola?
- o que você / as pessoas aprendem na escola? e na TV? em outros lugares?
- o que a escola ensina? e isso só se ensina na escola?
- até que série você vai estudar? por quê?
- você gosta de estudar ou vai obrigado?
- já teve vontade de sair da escola / abandonar os estudos? por quê?

5. QUALIDADE

⇔ *Verificar percepções sobre a qualidade da escola pública (ideal, real e melhoria)*

- A escola tem coisa boa? o quê?
- e o que não é bom?
- você se sente bem na escola? Na classe? fora da classe?
- (*caso tenha expressado coisas negativas sobre a escola*):
- você pode imaginar uma escola boa? como seria ela?
- você gosta de ir à escola? o que a escola precisava ter (ou fazer) para você gostar mais dela?
- qual a matéria em que você vai bem? por quê?
- e qual aquela em que você tem mais dificuldades? por quê? alguém ajuda?
- e seus professores? como são? Ajudam você? ensinam bem?
- e a diretora? Como ela é com os alunos? e os funcionários?
- o que os alunos fazem no recreio? e no portão? na saída?
- você tem amigos lá?
- há alguma coisa, alguma brincadeira que seus colegas fazem com você que você não gosta? o quê?
- tem muita briga lá? e droga? e roubo, tem?
- quando você tem um problema na escola, você fala com quem?
- seus pais vão à sua escola boa? por quê?

- escola e trabalho:

- a escola ajuda a encontrar trabalho? como? em quê?
- o que você gostaria de fazer (ou ser) no futuro? já pensou como conseguir isso?
- o que você está aprendendo na escola / a escola em que você está / vai / pode ajudar você a conseguir isso? como?
- o que seus pais / mãe acha/m que você vai ser?
- (*se trabalha*); o que você aprendeu na escola está ajudando no seu trabalho?

6. BARREIRAS (SOCIAIS, ECONÔMICAS, PEDAGÓGICAS)

- ⇒ *Verificar dificuldades que o entrevistado enfrenta/ou em sua escolaridade*
- você já repetiu? quantas vezes? por quê?
 - (se tiver abandonado): — você parou de estudar? por quê? já faz quanto tempo?
 - não deu para continuar depois? por quê?
 - sua mãe (ou pai) reclama quando você não vai bem ou quando quer parar (ou parou) de estudar? como? o que ela/e diz?
 - o pessoal da escola recebe os pais dos alunos? para quê? mesmo quando eles vão reclamar de alguma coisa? dar uma opinião?
 - você acha que tem muita criança que não vai à escola? por quê?
 - tem muita criança que fica na rua? por quê?

Quadro 2

Nº: _____ Entrevistador: _____ Município: _____

Nome do/a entrevistado/a: _____

Estado: _____

I CARACTERIZAÇÃO (de criança / jovem)

<p>1. IDADE</p> <p><input type="checkbox"/> até 10 <input type="checkbox"/> de 16 a 20</p> <p><input type="checkbox"/> de 11 a 15 <input type="checkbox"/> mais de 20</p> <p>2. SEXO</p> <p><input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino</p> <p>3. COR</p> <p><input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> parda</p> <p><input type="checkbox"/> preta <input type="checkbox"/> amarela</p> <p>4. ESTÁ TRABALHANDO?</p> <p><input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim: qual a ocupação?</p> <hr/> <p>5. ESTÁ ESTUDANDO?</p> <p><input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim: em que? série/curso?</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau menor, a série</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau maior, a série</p> <p><input type="checkbox"/> 2º grau</p> <p><input type="checkbox"/> supletivo</p>	<p>9. RENDA FAMILIAR APROXIMADA</p> <p><input type="checkbox"/> até 1 sal.-mínimo <input type="checkbox"/> + 3 até 5</p> <p><input type="checkbox"/> + 1 até 2 <input type="checkbox"/> + 5 até 10</p> <p><input type="checkbox"/> + 2 até 3 <input type="checkbox"/> + 10 SM</p> <p>10. MAIOR PREOCUPAÇÃO</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>11. MAIOR SONHO</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>III VIDA SOCIAL</p> <p>12. CIDADE / ESTADO DE ORIGEM</p> <p>_____</p> <p>13. TEMPO QUE VIVE NO LOCAL</p> <p><input type="checkbox"/> até 2 anos <input type="checkbox"/> + 2 a 5 <input type="checkbox"/> + 5 a 10</p> <p><input type="checkbox"/> + 10</p> <p>14. ESCOLARIDADE DOS PAIS ou de quem criou</p>
---	--

<p>outro: _____</p> <p><u>II FAMÍLIA</u></p> <p>6. ESTADO CIVIL</p> <p><input type="checkbox"/> solteiro/a <input type="checkbox"/> solteira c/ filho(s)</p> <p><input type="checkbox"/> casado / unido/a <input type="checkbox"/> separado/a</p> <p>7. TIPO DE FAMÍLIA (quando solteiro/a)</p> <p><input type="checkbox"/> nuclear compl. (pai + mãe + filhos)</p> <p><input type="checkbox"/> só pai + filhos</p> <p><input type="checkbox"/> só mãe + filhos</p> <p><input type="checkbox"/> extensa (nuclear + parentes)</p> <p><input type="checkbox"/> composta (nuclear + não parente)</p> <p>outro: _____</p> <p>8. TOTAL DE MORADORES NO DOMICÍLIO</p> <p><input type="checkbox"/> até 3 pessoas</p> <p><input type="checkbox"/> 4 ou 5 pessoas</p> <p><input type="checkbox"/> 6 a 8 pessoas</p> <p><input type="checkbox"/> 9 ou 10 pessoas</p> <p><input type="checkbox"/> mais de 10 pessoas</p>	<p><input type="checkbox"/> nunca estudou</p> <p><input type="checkbox"/> freqüentou até a 3ª série</p> <p><input type="checkbox"/> completou 4ª série</p> <p><input type="checkbox"/> parou entre a 5ª e a 8ª</p> <p><input type="checkbox"/> completou 1º grau</p> <p><input type="checkbox"/> iniciou 2º grau</p> <p><input type="checkbox"/> completou 2º grau</p> <p>outra: _____</p> <p>15. OCUPAÇÃO DO PAI/MÃE / de quem criou</p> <p>_____</p> <p>16. ATIVIDADE RELIGIOSA</p> <p><input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/> católica</p> <p><input type="checkbox"/> evangélica <input type="checkbox"/> espírita</p> <p>outra: _____</p> <p>17. OUTRA ATIVIDADE / PARTICIPAÇÃO</p> <p>(grêmio, banda, etc.)</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
---	--

**Roteiro De Entrevista 3a:
Professores**

1. DADOS PESSOAIS

- idade
- (⇒ *sexo e cor, anotar*)

2. CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIAR

- estado civil, casa / moradores, renda familiar aproximada

3. CONDIÇÕES DE VIDA PROFISSIONAL

- série em que leciona (+ outro cargo ou função que exerça)
- há quanto tempo está nesta escola? mora aqui perto? (condições de acesso)
- formação / nível de escolaridade
- há quantos anos é professor/a?
- como / por que veio para esta escola?
- fez / faz outro cursos?
- esses cursos ajudam/aram em seu trabalho?
- gosta da escola em que está? (gostaria de mudar para outra?) por quê?
- tem outro emprego / outra ocupação? qual? por quê?
- qual sua perspectiva de carreira? o que acha que poderia melhorar a carreira do professor?

4. CONDIÇÕES DE VIDA SOCIAL

- mora no bairro? há quanto tempo?
- (se veio de outro local): cidade e estado de origem
- conhece pais dos seus alunos?
- participa de algum grupo / de atividade da escola com a comunidade? (reuniões, festas...)
- frequenta alguma igreja, culto, centro espírita?
- **informação:** — ouve rádio? vê TV? o quê? ouve noticiário?
- como se informa? lê jornal? o que lê? já leu algum livro? qual?

5. VALORES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR

- ⇒ *Verificar qual a importância, prioridade, relevância que dá à escola:*
- em sua opinião, para que serve a escola na vida das pessoas?
- em que medida a escola vem cumprindo seu papel?

- você acha que a comunidade (tanto pais como alunos) considera a escola importante na vida deles? por quê?
- esta escola (em que você trabalha) é importante para esta comunidade? por quê?
- há distância ou proximidade entre escola / crianças / famílias?

6. QUALIDADE / BARREIRAS

⇨ *Verificar percepções sobre a qualidade da escola pública (ideal e real), possibilidades de melhoria e dificuldades ou barreiras para tanto*

- o que a escola de hoje tem a ver com a vida do aluno menos favorecido?
- há gente que diz que a escola está distante dos alunos das camadas populares. você concorda com isso? por quê?
- quais as dificuldades que a escola de hoje enfrenta para atender aos alunos menos favorecidos? o que poderia ser feito?
- Com quem a escola ensina contribui para o desenvolvimento desse aluno?
- por que nem todas as crianças que entram na 1ª série chegam na 8ª?
- e esta escola em que você Trabalha: está atendendo adequadamente a seus alunos?

⇨ *Deixar o entrevistado falar livremente; se os itens abaixo não forem citados, investigar melhor cada um:*

- recursos, forma de organização, horário, vaga, exigências de material, uniforme...
- nesta escola, muitos alunos repetem o ano? há sistema de recuperação?
- por que repetem? o que você acha disso?
- muitos deixam de frequentar a escola? o que a escola pode fazer para evitar isso?

(⇨ *averiguar percepção das causas da repetência e evasão*)

- quais os problemas mais sérios desta escola? o que se faz para enfrentá-los?
- você tem alguma sugestão para solucioná-los?
- você tem idéia do que esta comunidade considera como uma boa escola?
- acha que a comunidade pode dar alguma contribuição para a escola? de que tipo?
- há situações de violência dentro ou em torno da escola? quais? (alunos drogados, roubo, alunos infratores?)
- como a escola enfrenta esse tipo de problema? como você acha que deveriam ser enfrentados?

7. ATENDIMENTO AOS ALUNOS: DINÂMICA DE SALA DE AULA E AVALIAÇÃO

- fale um pouco de sua rotina em sala de aula (se faz planejamento, tem diário de classe, como organiza os alunos, elabora material para eles, passa lição / dever de casa, como lida com disciplina...)
- como faz avaliação? como lida com o erro? como registra o aproveitamento dos alunos? como comunica os resultados aos pais?
- seus alunos aprendem? vão bem? este ano, acha que algum vai repetir? por quê? este ano, algum aluno seu já abandonou? por quê?
- você consegue ensinar a seus alunos como você gostaria? por quê?
- falta algo? o quê? qual a maior dificuldade que você enfrenta para ser professor/a dessas crianças / jovens?

Quadro 3a

Nº: _____ Entrevistador: _____ Município: _____

Nome do/a entrevistado/a: _____ Estado: _____

I CARACTERIZAÇÃO (de professor / diretor da escola)

1. IDADE

- até 25 de 46 a 55
 de 26 a 35 de 56 a 65
 de 36 a 45 mais de 65

2. SEXO

- masculino feminino

3. COR

- branca parda preta amarela

4. ATIVIDADE PROFISSIONAL

- Série em que leciona: 1ª a 4ª
 5ª a 8ª

outro cargo ou função: _____

5. OUTRA OCUPAÇÃO: não sim,
qual: _____

6. TEMPO DE SERVIÇO _____ anos
nesta escola _____ anos

7. FORMAÇÃO

11. TOTAL DE MORADORES NO DOMICÍLIO

- até 3 pessoas 4 ou 5 pessoas
 6 a 8 pessoas 9 ou 10 pessoas
 mais de 10 pessoas

12. RENDA FAMILIAR APROXIMADA

- até 1 sal.-mínimo + 3 até 5
 + 1 até 2 + 5 até 10
 + 2 até 3 + 10 SM

III VIDA SOCIAL

13. CIDADE / ESTADO DE ORIGEM

14. TEMPO QUE VIVE NO LOCAL

- até 2 anos + 2 a 5 + 5 a 10
 + 10

15. ESCOLARIDADE DOS PAIS / ou de quem criou

- nunca estudou

1º grau completo incompleto

2º grau completo incompleto

superior licenciatura

outra: _____

II FAMÍLIA

8. ESTADO CIVIL

solteiro/a separado/a

casado/a viúvo/a

9. POSIÇÃO NA FAMÍLIA

chefe filho/a outra

parceiro/a parente

10. TIPO DE FAMÍLIA (quando solteiro/a)

nuclear compl. (pai + mãe + filhos)

só pai + filhos

só mãe + filhos

extensa (nuclear + parentes)

composta (nuclear + não parente)

outra: _____

1ª a 4ª completo incompleto

5ª a 8ª completo incompleto

2º grau completo incompleto

3º grau completo incompleto

outra: _____

16. ATIVIDADE RELIGIOSA

nenhuma católica

evangélica espírita

outra: _____

17. OUTRAS ATIVIDADES

Participa de algum grupo organizado?

não às vezes

sim: qual? _____

20. COMO SE INFORMA

não respondeu

assiste noticiário / vê TV

lê jornal / revista ouve rádio

conversa com amigos / parentes / vizinhos

outra forma: _____

Roteiro de Entrevista 3b:

Diretores

1. DADOS DA ESCOLA

(REDE, ESTRUTURA, PESSOAL, ALUNOS: organização, uniforme, etc.; TURNOS, ESPAÇO, RECURSOS: verificar presença de mat. didáticos como livros didáticos e de leitura, mapas, atlas, globo, material de consulta, etc. e indicar no item 11 do quadro)

2. DADOS PESSOAIS

- idade
- (⇒ *sexo e cor, anotar*)

3. CONDIÇÕES DE VIDA FAMILIAR

- estado civil, casa / moradores, renda familiar aproximada

4. CONDIÇÕES DE VIDA PROFISSIONAL

- há quanto tempo está nesta escola? mora aqui perto? (condições de acesso)
- formação / nível de escolaridade
- há quantos anos é diretor/a?
- como / por que veio para esta escola?
- fez / faz outro cursos?
- esses cursos ajudam/aram em seu trabalho?
- gosta da escola em que está? (gostaria de mudar para outra?) por quê?
- tem outro emprego / outra ocupação? qual? por quê?
- qual sua perspectiva de carreira? o que acha que poderia melhorar a carreira do diretor/a?

5. CONDIÇÕES DE VIDA SOCIAL

- mora no bairro? há quanto tempo?
- (*se veio de outro local*): cidade e estado de origem
- conhece pais dos seus alunos?
- participa de algum grupo / de atividade da escola com a comunidade? (conselho de escola, associações, reuniões, festas...)
- frequenta alguma igreja, culto, centro espírita?
- informação: — ouve rádio? vê TV? o quê? ouve noticiário?
- como se informa? lê jornal? o que lê? já leu algum livro? qual?

6. VALORES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR

⇨ *Verificar qual a importância, prioridade, relevância que dá à escola:*

- em sua opinião, para que serve a escola na vida das pessoas?
- em que medida a escola vem cumprindo seu papel?
- você acha que a comunidade (tanto pais como alunos) considera a escola importante na vida deles? por quê?
- esta escola (em que você trabalha) é importante para esta comunidade? por quê?
- há distância ou proximidade entre escola / crianças / famílias?

7. QUALIDADE / BARREIRAS

⇨ *Verificar percepções sobre a qualidade da escola pública (ideal e real), possibilidades de melhoria e dificuldades ou barreiras para tanto*

- o que a escola de hoje tem a ver com a vida do aluno menos favorecido?
- há gente que diz que a escola está distante dos alunos das camadas populares. você concorda com isso? por quê?
- quais as dificuldades que a escola de hoje enfrenta para atender aos alunos menos favorecidos? o que poderia ser feito?
- em sua opinião, por que nem todas as crianças que entram na 1ª série chegam na 8ª?

(⇨ *Investigar com profundidade percepção das causas da repetência e evasão*)

- nesta escola, muitos alunos repetem o ano? sabe o índice de repetência?
- por que ocorre? o que acha disso?
- muitos deixam de freqüentar a escola? a escola toma alguma providência quando um aluno falta muito?
- quais os problemas mais sérios desta escola? o que se faz para enfrentá-los?
- você tem idéia do que esta comunidade considera como uma boa escola?
- acha que a comunidade pode dar alguma contribuição para a escola? de que tipo?
- há situações de violência dentro ou em torno da escola? quais? (alunos drogados, roubo, alunos infratores?)
- como a escola enfrenta esse tipo de problema? como você acha que deveriam ser enfrentados?

8. ATUAÇÃO / GESTÃO

- fale um pouco de sua rotina trabalho (como é feito o planejamento, se definem metas anuais, quais as metas para este ano, envolve-se mais com a parte administrativa ou pedagógica)
- se acompanha os professores, entra em sala de aula, discute desempenho...
- sobre a organização dos alunos (entrada e saída, fila?, uniforme?, disciplina...)
- a gestão da escola é partilhada com outros segmentos? quais?
- há Conselho / colegiado de escola? composto por quem? qual seu grau de autonomia (consultivo, deliberativo, atribuições, que assuntos vêm sendo discutidos no momento...)

- que apoio a escola recebe da Secretaria? é satisfatório?
 - qual a maior dificuldade que você enfrenta para ser diretor/a dessa escola?

Quadro 3b**CARACTERIZAÇÃO DE ESCOLA:****ESCOLA EM QUE ATUA O/A DIRETOR/A****(nome)** _____**ESCOLA** _____**Endereço** _____**CEP** _____ **Cidade** _____ **Estado** _____**Telefone** (_____) _____**Fax** (_____) _____**1. REDE** estadual municipal

outra: _____

2. ESTRUTURA 1º grau completo só 1ª a 4ª série só 5ª a 8ª série supletivo

outra: _____

3. QUADRO DE PESSOAL**Professores: total:** _____

de pré-escola _____

de 1ª a 4ª série _____

de 5ª a 8ª série _____

cl. multisseriada _____

outros _____

Coords. / superv. _____

6. NÚMERO DE ALUNOS

de 1ª a 4ª série _____

de 5ª a 8ª série _____

outros _____

total de alunos _____**7. NÚMERO DE TURNOS:** _____**8. ORGANIZAÇÃO DO ENSINO** séries ciclos classes multisseriadas**9. ESPAÇO FÍSICO**

nº de salas de aula: _____

sala profs. sala de direção sala de reuniões / auditórios refeitório área coberta biblioteca laboratório pátio quadra esporte

<p>Funcionários _____</p> <p>Assistente de dir. _____</p> <p>Total de pessoal _____</p>	<p>nº de banheiros _____</p> <p>água potável <input type="checkbox"/> sim não <input type="checkbox"/></p>
<p>4. LOCALIZAÇÃO</p> <p><input type="checkbox"/> urbana <input type="checkbox"/> rural</p> <p><input type="checkbox"/> periferia urbana</p>	<p>10. EQUIPAMENTOS</p> <p><input type="checkbox"/> toca-fitas / som <input type="checkbox"/> mimeógrafo</p> <p><input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> vídeo cassete</p> <p><input type="checkbox"/> livros outro: _____</p>
<p>5. ESTADO GERAL</p> <p><input type="checkbox"/> limpo <input type="checkbox"/> organizado</p> <p><input type="checkbox"/> desorganizado <input type="checkbox"/> precário</p> <p><input type="checkbox"/> precisa de reforma <input type="checkbox"/> drástico</p>	<p>11. OBSERVAÇÕES / outras informações</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)